

Relatório da Comissão de Pastoral Operária

COMO NASCEU A PASTORAL OPERÁRIA NO BRASIL

1- Em que contexto:

Os últimos 16 anos caracterizaram-se por permanente e ostensivo bloqueio dos canais de expressão, participação e organização da classe trabalhadora.

As condições de vida e trabalho impostas aos trabalhadores pelo modelo social político e econômico implantado no país, com as piores consequências para a vida, lutas e organizações da classe operária fizeram nascer, em diferentes níveis das camadas populares e na classe operária, muitas e variadas formas, autônomas e independentes de lutas e até mesmo de organização. (Ver encarte do Boletim da CPO, nº 5, julho, 1980, pags 1 e 2)

Neste contexto nasce a Pastoral Operária organizada por militantes operários, cristãos atuantes no Movimento Operário.

2- Breve histórico:

1. No final da década de 60, o trabalho pastoral operária que se vinha fazendo no Brasil sofreu um grande golpe de desarticulação e de abafamento. A perseguição sob as mais variadas formas e os mais diversos graus visitou os seus agentes, militantes e assistentes.

2. Nessa época, o trabalho pastoral no meio operário viu-se forçado a prescindir de uma ação conjunta mais orgânica devido ao fato de os agentes que se dedicavam mais especificamente a essa tarefa, terem sido impossibilitados, praticamente de continuá-la com toda a eficiência.

3. A necessidade contudo de uma ação conjunta nunca deixou de fazer-se sentir muito forte. Ela foi se tornando cada vez mais imperiosa e cada vez mais, foi atingido um número maior de militantes, agentes de pastoral e pastores.

4. Pelos anos de 1973-1974 um grupo de bispos e sacerdotes começou a reunir-se num esforço de estudar a situação dos setores populares rural e urbano da população brasileira e de refletir sobre apelos que tal situação fazia à ação pastoral destinada a esses setores do povo. Era uma época particularmente difícil. O povo inteiro não tinha como fazer ouvir sua voz. A repressão grassava em larga escala, o número de presos era alarmante e não eram raras as torturas. A voz que se erguia era a voz da Igreja. Um bispo que chamava a atenção para tal ou qual situação, um outro que advertia para este ou aquele acontecimento, prisão, injustiça, morte etc. Apareciam denúncias esparsas num que noutro jornal. Foi quando os bispos do Nordeste publicaram o documento: "Ouvi os clamores do meu povo" e os do Centro-Oeste: "Marginalização de um povo - Grito das Igrejas".

5. Em fevereiro de 1974, convidadas por uns cinco bispos, reuniram-se em Salvador, cerca de trinta pessoas com variados engajamentos pastorais junto ao povo, para um aprofundamento da reflexão, que já estava tomando corpo, sobre a necessidade de uma ação conjunta. Confirmou-se para os participantes da reunião a necessidade de articulação do trabalho, no sentido de somar esforços, manter as bases bem informadas e articuladas, a fim de que não esmorecesse a fé e fosse reavivada a esperança de todos os que se entregavam à missão de construir o Reino, o povo e a Igreja.

6. Sacerdotes e religiosos, sensíveis ao desafio que lhes propuseram os bispos, lançaram-se à obra, convictos de que neste desafio se revelava o Espírito do Senhor que convocava para a união. A responsabilidade não é só dos bispos. Todo o povo de Deus é chamado à participação - os leigos, os sacerdotes, as bases.

7. Constituiu-se uma pequena equipe de res-

ponsáveis: uma pessoa de Minas, uma do Rio, uma do Pará e outra de São Paulo. A primeira tarefa que se propôs esta equipe foi fazer um mapeamento das experiências de Pastoral Operária então em curso: onde existiam, quantas eram, quem atuava nelas, o que realizavam, por que continuavam resistindo a tanta pressão.

8. Dez meses depois, se realizava o primeiro encontro dos integrantes dessa equipe que, na ocasião, já se havia ampliado para 10 pessoas. O encontro aconteceu em Belo Horizonte. Foi uma surpresa reconfortante para todos, a verificação do quanto de esforço e dedicação, do quanto de amor à Igreja e ao povo, particularmente ao operário, existia por todo o país. Grupos de Evangelho, Círculos Bíblicos, Juventude Operária Católica, Ação Católica Operária, Associação de Empregadas Domésticas, Associação de Moradores, Clubes de Mães, Grupos de Intelectuais, Comunidades Eclesiais de Base, etc... Como conclusão deste encontro sempre visando a uma ação conjunta e articulada, partiu-se para um trabalho de coleta das experiências, de responsabilização das pessoas e de distribuição de tarefas nas diversas áreas do território nacional.

9. Em 1975, realizaram-se duas reuniões em São Paulo - uma na Freguesia do Ô e outra, quatro meses depois no seminário dos padres de Sion no Bairro Ipiranga. - Nesses encontros, o objetivo foi a tentativa de elaboração de um método de leitura e análise da conjuntura, a partir das experiências, dos fatos e dos acontecimentos. O grupo assumiu então, como compromisso, a tarefa de fazer circular os resultados das experiências a fim de facilitar as bases com a atitude de permanente análise da realidade.

Aos poucos se foi delineando uma certa integração do trabalho com a soma dos esforços, mas no respeito pleno da identidade de cada experiência, uma vez que desde o início, a tentativa de articulação se fixou como objetivo ser somente um serviço.

10. Ainda em 1975 promoveu a equipe responsável do Rio Grande do Sul o primeiro encontro regional daquele estado com a participação de mais de 100 agentes pastorais, incluindo-se alguns de Santa Catarina e Paraná. Relataram-se mais de 20 experiências diferentes, todas porém com o mesmo objetivo comum: ajudar o povo a sobreviver

e a organizar-se, a partir da realidade e do Evangelho. As experiências analisadas compreendiam duas grandes faixas de atuação: o meio rural e o meio urbano.

Encontros semelhantes se realizaram no Estado do Rio e do Pará. Com isso crescia a consciência nacional da importância e da necessidade de uma articulação, para uma soma de esforços numa ação conjunta.

11. A Preocupação de a Igreja ser presença na vida real do povo vai se aprofundando sempre mais e fazendo surgirem iniciativas concretas. Em Goiânia, a partir de uma ampla reunião em que bispos, sacerdotes e leigos debateram e refletiram sobre a realidade rural e seus grandes apelos, surgiu a Comissão Pastoral da Terra.

12. Em 1976, num encontro em Nova Iguaçu (RJ) com a participação de representantes de 7 estados e de alguns membros da Comissão Pastoral da Terra, aprofundou-se mais ainda a consciência da necessidade de uma articulação específica para o trabalho pastoral no meio operário popular urbano.

O estudo do problema operário: - desemprego, condições de trabalho, ineficiência do sindicato, situação das periferias, boias-frias, - demonstrou a urgência da criação de um instrumento que fosse capaz de informar com rapidez e veracidade os trabalhadores, sobre problemas comuns a toda a classe e sobre os esforços que a Igreja, por força de sua missão, tem que fazer para tornar-se presença neles.

13. No mesmo ano de 1976, no Seminário de Ipiranga em São Paulo, realizou-se o primeiro encontro nacional, onde foram postos em comum os passos dados até então e foram examinados, os desafios que a classe operária apresenta à Ação Pastoral da Igreja.

14. Em 1977, cerca de oitenta pessoas, predominantemente padres e religiosos, se encontraram em Salvador para uma avaliação de como estava caminhando e como estava sendo assumida a articulação em vista de um trabalho conjunto.

15. Novamente em 1977, no mês de novembro,

houve um outro Encontro Nacional que reuniu agentes e militantes dos diversos movimentos de Pastoral Operária atuantes nas várias regiões do país. Também nesta oportunidade, foi muito sentida a necessidade de um instrumento de articulação do trabalho. O relatório deste Encontro está na Separata do Comunicado Mensal da CNBB - Pastoral Operária.

16 . Em dezembro de 78, mais um Encontro-Seminário de âmbito nacional, sobre Pastoral Operária. Seu desenrolar está registrado na mesma publicação. Com mais força ainda se afirmou a urgência da criação de um instrumento capaz de promover, animar e ajudar a articulação da ação pastoral Operária nas suas diversas modalidades no país.

3 - Sugestões para a Pastoral Operária no Brasil

Desses Encontros foram tiradas algumas sugestões para a Pastoral Operária no Brasil. Foi também eleita uma Comissão Provisória para dar encaminhamento aos trabalhos.

1. O específico da Pastoral Operária

A Pastoral Operária, em sua prática constante, deve estar atenta a conservar e a aprofundar a consciência do seu específico, que brota de suas duas vertentes essenciais: Operária e Pastoral.

Enquanto operária, ela deve vir da Classe Operária, ser feita pela Classe Operária e destinar-se à Classe Operária.

Enquanto pastoral, ela é um serviço à Classe Operária para que esta, coletivamente, se encontre cada vez mais profundamente, em Jesus Cristo, para a transformação do mundo, no sentido da construção de uma nova ordem social com a libertação de todas as dominações e a superação da própria sociedade de classes.

2. Decorrências deste específico da Pastoral Operária

Este específico da Pastoral Operária aponta para os seguintes pontos aqui indicados, sem a pretensão de maior sistematicidade. Ela deve:

Fomentar nos operários o desenvolvimento da consciência de classe, tanto a nível individual, quanto coletivo.

Denunciar, a partir do lugar social e cultural do operário, toda e qualquer espécie de dominação.

Reconhecer e valorizar o conteúdo próprio da luta operária, cuidando de não esvaziá-lo, sob nenhum pretexto, nem mesmo pastoral.

Não reduzir o alcance total e universal do anseio de libertação da Classe Operária, a simples conquista por parte dela, de certo grau de promoção social dentro das estruturas do sistema vigente.

Levar os cristãos cristãos a comprometerem-se com a Classe Operária na consciência de que tal engajamento é exigência de sua própria fé.

Ensejar a que o operário cristão aprofunde continuamente a fé pelo confronto de sua prática social que deve ser determinada pelas exigências da realidade, com a palavra viva de Deus.

Propiciar ao operário cristão condições para que por seu testemunho evangélico, se insira como fermento na Classe Operária, na caminhada do movimento operário, que deve ser agente transformador da sociedade global.

Levar o operário cristão a anunciar a mensagem do Reino de Deus, sobretudo explicando os valores evangélicos já presentes na vida e na luta operária.

Intensificar esforços para fazer surgir novas maneiras de expressar a fé, tanto no campo da teologia quanto no campo da liturgia, que respondam às necessidades de operários engajados.

Partir, na sua prática pastoral, das exigências da própria realidade da Classe Operária, através da análise constante da mesma vida operária nas sucessivas conjunturas e na estrutura fundamental do sistema dominante, e permanente confronto das sistematizações dessa análise com a prática da base e os apelos da Palavra de Deus.

Não criar organizações operárias próprias, mas acreditar na capacidade de organização da Classe Operária, respeitando e estimulando suas organizações autônomas.

Avaliar permanentemente a prática pastoral juntamente com a revisão da própria vida à luz do compromisso evangélico.

Definir o ministério dos "agentes" não operários, como animadores da Pastoral Operária, cuja direção seja assumida pelos próprios operários.

Reconhecer a existência de classes deferentes na sociedade e levar em conta este dado da realidade na organização da Pastoral.

Entender-se não como um espaço a ser ocupado eventualmente, mas como uma presença de Igreja que na sua opção pelos operários assume criticamente a sua luta de libertação dentro de uma visão política global, na esperança de uma nova sociedade justa e fraterna.

3. Pistas para um programa de ação

Foram definidos alguns critérios fundamentais para a Pastoral Operária:

- O trabalhador deve ser o sujeito de sua própria libertação,

- a organização dos trabalhadores deve nascer de sua própria ação,
- a contribuição dos militantes cristãos deve ser organizada:

- . num trabalho de conscientização permanente
- : num serviço de articulação dos militantes cristãos numa linha de política operária capaz de promover a união de todos os trabalhadores,
- . na luta pela mudança de estrutura sindical, a partir da implantação do sindicato de base nas empresas.

Após o diagnóstico da situação e especificamente da situação dos militantes, a Comissão provisória assumiu como propostas mínimas de ação:

I. ESPECIFICIDADE DA PASTORAL.

A Pastoral Operária não é um espaço a ser ocupado eventualmente, mas uma presença de Igreja no mundo operário que, ela em sua opção pelos trabalhadores, assume criticamente em sua luta de libertação, a partir de uma visão global da sociedade. Enquanto ação, Pastoral Operária é um serviço à Classe Operária para que ela, coletivamente se encontre cada vez mais profundamente, em Jesus Cristo para transformação do mundo, para a construção de uma nova sociedade livre de todas as dominações.

Para dar realidade a esta proposta, a Pastoral Operária indica como linha de ação:

1 - Propiciar ao operário cristão condições para que por seu testemunho evangélico, ele assuma a condição de fermento na Classe Operária, a fim de que ele possa ser agente de transformação da sociedade. Para isso, a Pastoral Operária deve dar ao trabalhador cristão condições de aprofundar sua fé no confronto da realidade.

Nesta caminhada em busca de uma nova so-

cidade os trabalhadores cristãos devem comprometer-se com a classe operária, convictos de que esse engajamento é uma exigência do cristianismo, que os leva a anunciar a mensagem do Reino de Deus, partindo da explicitação dos valores evangélicos já presentes na vida e na luta do trabalhador.

A Pastoral Operária será também o instrumento que permite surgirem novas maneiras de expressar a fé tanto no campo da teologia, quanto no campo da liturgia, para que ela responda às necessidades dos trabalhadores engajados.

2 - A pastoral é também instrumento de denúncia, a partir da posição social dos trabalhadores de todo tipo de dominação. Para conseguir a pastoral operária valorizará a experiência do trabalhador, através da observação sistemática das estruturas de dominação e de seu confronto com a experiência de base. Esta prática será o caminho pastoral para o aprofundamento da consciência social dos trabalhadores.

3 - Para que a libertação do homem seja assumida por todos os trabalhadores, a pastoral operária procurará mostrar que a ação social dos cristãos não deve esgotar-se na procura da promoção social ou política dentro dos sistemas de dominação. Só assim conseguirá reconhecer e valorizar o conteúdo próprio da ação operária sem procurar esvaziá-lo sob nenhum pretexto, nem mesmo pastoral.

4- A Pastoral operária não pretende criar organizações operárias pois acredita na capacidade de auto-governo dos trabalhadores. Nesse sentido define o ministério dos "agentes" não operários como animadores, submetidos à orientação da classe operária e cujo papel principal é o de avaliar permanentemente a prática pastoral, juntamente com a revidão da própria vida à luz do compromisso evangélico.

II - ORIENTAÇÃO. Tendo em vista que o ativismo decorre da incapacidade de compreensão dos fatos políticos em que estão envolvidos os militantes, sugeriu-se que um dos pontos do programa de trabalho seria a orientação. Esta atividade deve basear-se no estudo das experiências feitas pela base, tendo por isso um valor relativo, uma vez

que as experiências mudam com a própria realidade. Esta advertência dos participantes é importante no sentido de evitar os dogmatismos, ou de que a Comissão assuma a postura falsa das "vanguardas esclarecidas" do trabalhador.

Fica claro que a Comissão no seu trabalho de orientação terá o dever de, não somente refletir com a base mas de escutar e analisar as propostas e posições emanadas das diversas organizações que compõem o movimento operário.

III - ARTICULAÇÃO. Chegou-se à conclusão de que é necessário um trabalho coerente de articulação dos militantes de base, dos animadores e dos responsáveis.

Essa articulação, longe de pretender impor qualquer monolitismo é necessária mesmo para permitir o enriquecimento da diversidade, que deve ser um dos fundamentos da democracia operária.

Conclui-se, também, que a articulação dos militantes deve ter nível nacional, e que, para ser viável, deve assentar-se na existência de comissões regionais capazes de complementar o trabalho da Comissão de Pastoral operária.

IV - INFORMAÇÃO. No cumprimento de suas funções sugere-se à Comissão que assuma também algumas tarefas relacionadas com a informação dos militantes.

Uma das propostas mais aceitas é a de que a Comissão deve fornecer aos militantes de base subsídios para reflexão tiradas do tratamento sistemático das experiências em curso.

Outra sugestão apresentada propõe a criação de um boletim, ou jornal como instrumento de organização das diversas atividades desenvolvidas pelos militantes cristãos através do país.

No cumprimento dessa atividade, propõe-se à Comissão que ela centralize a coleta, o tratamento e a distribuição de informações, podendo assim permitir a troca de experiências; promover intercâmbios e realizar as ligações necessárias

V - TREINAMENTO. No cumprimento de sua missão sugere-se a elaboração de um programa de treinamento, a ser definido, baseado na análise da conjuntura econômica, política e social do país no estudo das experiências da base

operária e nos fundamentos da especificidade cristã da pastoral operária.

5 - Desafios enfrentados pela Pastoral Operária

- Os condicionamentos impostos pela própria realidade: péssimas condições sócio-econômicas, o desemprego...
- A repressão, o controle por parte do governo às organizações e lutas operárias, sobretudo à sindical, através de sua estrutura vertical e atrelada ao Ministério do Trabalho.
- O medo criado nos trabalhadores como consequência deste período difícil para a classe operária brasileira.
- O isolamento, a desarticulação e o desnível das experiências e sua conseqüente falta de análise e visão de perspectivas para o Movimento Operário, sindical e de uma alternativa para a sociedade.
- A falta de capacitação política de muitos e novos militantes operários engajados fortemente a nível pessoal e local.
- A falta de recursos e meios e a falta de apoio da Igreja em muitas bases.
- Pouca clareza quanto à orientação e papel da Pastoral Operária no processo da classe operária.
- A presença de muitos grupos de diferentes tendências, instrumentalizando ou dividindo as bases e muitas vezes impedindo a participação dos trabalhadores nas suas decisões.

Relatório da Comissão de Pastoral Operária

(Dezembro de 78 a dezembro de 80)

Em dezembro de 78, depois de alguns anos de experiência, a Pastoral Operária num Encontro Nacional em Nova Iguaçu, passou a se articular sob o nome de Comissão de Pastoral Operária, (CFO), como podem ver na Separata do Comunitário Mensal da CNBB, fev. de 79.

I - INTRODUÇÃO

A Comissão de Pastoral Operária, através de seus membros e de sua Equipe Executiva, desde o início de 79 buscou criar um relacionamento amplo com outros serviços de Igreja ou não, com o fim de somar experiências e contribuir na construção de uma sociedade onde os trabalhadores e os meios populares pudessem participar com voz e voto. O seu esforço específico foi o de atender à vida, aos problemas do dia-a-dia, às lutas dos trabalhadores, às organizações presentes no movimento operário e popular, às aspirações profundas e aos objetivos da Classe Operária, onde se fere a luta e de onde se apresenta a realidade concreta dentro desta sociedade de classes. A sua prática de anunciar o Reino de Deus, movida pela Fé, e denunciar corajosamente os obstáculos que a impedem, foi e continua sendo matéria de profunda revisão.

Como Pastoral Operária e serviço da Igreja, trabalhou e se reuniu permanentemente com Associações de Moradores, Clubes de Mães, Amigos de Bairros, Associações de Domésticss, Associações de Favelas, Sindicatos, Partidos Políticos. Reuniu-se e trabalhou com JOC, ACO, CPT, participou de reuniões do CIMI e buscou participar nos encontros e nas ações das Comunidades Eclesiais de Base.

Acompanhando os fatos, acontecimentos e situações, tentou manter-se engajada, solidarizando-se e participando através de seus membros, em greves justas, organizando campanhas de Fundos de Greves e denunciando quanto possível, as repressões e arbitrariedades cometidas contra os

trabalhadores. Por ocasião das greves no Brasil em 78,79 e 80, praticamente todas as Pastorais Operárias, até as que estavam se iniciando, deram sinais de participação e atuação concretas.

A morte do Santo foi para a Pastoral Operária um momento forte em plano de Brasil, quando, aproveitando o fato, pôde refletir sobre o engajamento, as consequências e o preço dos que se lançam na construção de uma sociedade justa. Santo membro da Pastoral Operária, metalúrgico sindicalizado, em greve e membro da Comissão de salário, na ocasião, através de sua vida, ensinou a todos e a Pastoral Operária, o que é viver o tema Fé e luta, sem dicotomias.

Dentro do processo dos trabalhadores de se organizarem, manifesto nos esforços das Oposições Sindicais, das Assembléias de Classe e das manifestações, das eleições, das negociações, das campanhas e comissões dos ENTOES, trabalhadores, membros também da Pastoral Operária deram testemunho de coerência, participando em debates políticos sobre contradições internas existentes dentro da classe e contra seus inimigos comuns. Alguns deles candidataram-se a chapas de oposição, vencendo até pelegos inveterados e estimulando a todos para a urgência da sindicalização e da prática democrática. A CPO estimulou e animou esta caminhada, oferecendo subsídios, avaliando os passos e fazendo ver que o engajamento é determinante num processo de conversão.

Sem discriminar nenhum trabalhador e nenhuma organização operária ou popular no exercício da democracia, a experiência vivida pela Pastoral Operária nos leva a perguntar: - que reflexões novas devem ser feitas, ou que estratégias devem ser assumidas para não impedir em nada o projeto da classe operária, mas antes, agilizá-lo. Que a Pastoral Operária não perca sua identidade, não se deixe instrumentalizar nem instrumentalize a Igreja e a classe operária.

A CPO e a CPT desde seu surgimento tentaram assumir a mesma causa. Por razões de realidade - campo e cidade - trabalham diferenciadas, mas com objetivos comuns. São instrumentos que se complementam e que fundamentam a

importância e a urgência de uma só classe trabalhadora: trabalhadores do campo e trabalhadores da cidade.

As reuniões da CPO e da CPT em plano regional e nacional somente agora começam a trocar experiências. O relacionamento havido foi bom, mas pobre em intercâmbio de planos e ações. Como pastoral Operária achamos de vital importância a aproximação das duas experiências para atender com objetividade e eficácia, as migrações dos trabalhadores rurais. Quanto a CPO e CIMI, em algumas regiões foram poucas as oportunidades de contatos.

JOC, ACO, CPO. - O surgimento das Pastorais Operárias, deixou ou levantou uma série de questões nos agentes de pastoral e no interior destes movimentos de experiências já consagradas.

A CPO nasce para substituir esses movimentos?

Em absoluto, a Pastoral Operária pode ser substitutivo destes movimentos, ao contrário, é missão da mesma, fazer surgir em toda parte e dinamizar onde existem, tanto a JOC como a ACO. Trata-se de movimentos operários e de Igreja em níveis nacional, latinoamericano, e internacional. Aliás, os únicos no mundo.

A Pastoral Operária é um serviço amplo que reúne trabalhadores, bispos, padres, agentes de pastoral e que busca fazer presente a vida operária e suas lutas nas várias realidades da Igreja, enfim em toda a caminhada da libertação do povo à luz do Plano de Deus. Como tal ela se relaciona com Instituto Nacional de Pastoral (órgão anexo à CNBB), com os planos de pastoral de conjunto da CNBB, com o Centro de estudos bíblicos e com os demais planos de Pastoral das Igrejas particulares.

II - A FORMAÇÃO E A INFORMAÇÃO

Desde o seu nascimento, a Pastoral Operária se preocupou com este grande tema: a Formação ou a Orientação, tendo em vista que o ativismo decorre da incapa-

cidade de compreensão dos fatos políticos em que estão envolvidos os militantes, sugeriu-se que um dos pontos do programa de trabalho, seria a Orientação.

Esta atividade deve basear-se no estudo das experiências feitas pela base. Foi sempre preocupação nestes dois anos de Comissão, de ir respondendo às exigências da base a partir dos passos da mesma.

Há muito a se fazer nesse sentido. As solicitações da base foram muitas. Algumas atendidas.

Solicitações feitas à Comissão:

- Como começar uma Pastoral Operária.
- Características de uma Pastoral Operária.
- Fé e Política
- A Pastoral nos bairros, nas favelas, nas fábricas, nas organizações operárias.
- O movimento político no Brasil. Os partidos.
- A realidade econômica.
- A Bíblia no engajamento.
- Como está organizada a Igreja.
- Movimento Operário no Brasil.
- A história da classe operária, etc.

A CPO acredita que é necessário sistematizar todo um plano de formação em todos os níveis, Dentro do plano de trabalho é urgente programar seminários de estudo, dias de estudos, dentro de um programa lógico e progressivo, respeitando os diversos níveis de consciência.

Acontece que se programam estudos onde participam militantes profundamente engajados e trabalhadores que estão começando a participar, prejudicando e fazendo perder tempo a estes ou àqueles.

Outro aspecto a considerar, é que se programam estudos a partir de algumas cabeças, quando as aspirações de algumas bases são totalmente diferentes. Para uns, o tema é partidos ou Sindicatos, quando para outros, é entender porque sindicalizar-se e para quê.

A informação tem sido o grito de todas as

bases. A CPO tem cumprido esta tarefa de forma muito precária. Fica aberto este desafio e a descoberta de meios para rápida e eficientemente devolver a todas as bases as inúmeras experiências que vem sendo feitas, bem como informar o que acontece nos estados, nas cidades, nas fábricas, nos Sindicatos, na Igreja, no que diz respeito à classe operária. Para uma pastoral Operária que pretende ser um Serviço Nacional e uma consciência nacional, é urgente que isto aconteça.

As publicações, folhetos, circulares, planos de trabalho a partir de cidades ou dioceses, são muitos e ricos; falta articulação entre os mesmos para um enriquecimento mútuo.

As dioceses que desde o ano de 74 articulam e desenvolvem um plano de Pastoral Operária: São Paulo, Sto André, Santos, Campinas Rio de Janeiro, Nova Iguaçu.

As dioceses onde se começa a desenvolver uma Pastoral Operária: Caxias do Sul, Porto Alegre, Salvador, Alagoinhas, Belém, Caçador, Tubarão, Lajes. Em todas estas dioceses, a CPO tem mantido um plano de visitas, de correspondência, de encontros de agentes, de militantes, de contatos com os respectivos bispos e coordenadores de pastoral.

As dioceses que nestes dois anos levam em conta nos seus planos de pastoral, a Pastoral Operária são as seguintes: BH, Juiz de Fora, Itabira, Mariana, Vitória, Bauru, Florianópolis, Joinville, Chapecó, João Pessoa, Fortaleza, Teresina, São Luis, Manaus, Volta Redonda, Itaguai, Erechim.

É animador constatar como em todas estas dioceses existe um esforço, em umas mais que em outras, de responder à realidade operária.

Os coordenadores de Pastoral não tem se cansado de escrever à Equipe Executiva da CPO, pedindo subsídios, visitas para, a partir de experiências de outros, inspirar-se e dar corpo às suas bases em iniciação.

III - A AÇÃO E A ARTICULAÇÃO DAS MESMAS E A
PASTORAL DE CONJUNTO

Os grupos de Pastoral Operária que se reúnem nos bairros, nos centros paroquiais e que a partir das suas mais diversas realidades desenvolvem sua ação, constituem sem dúvida, a razão de ser desta pastoral.

É difícil caracterizar os grupos dada sua grande diversidade. Os problemas do mundo operário, suas lutas e sua crescente marginalização, fazem com que os trabalhadores empregados, desempregados ou subempregados se encontrem discutam e planejem dentro das possibilidades, a sua ação. Esta realidade analisada à luz do Evangelho, pouco a pouco contribui na construção de uma classe com uma consciência mais esclarecida e coletiva.

Mensalmente, ou de dois em dois meses, ou de quando em quando, estes grupos se reúnem entre si a partir de dias de estudos, ou manhãs de intercâmbios e experiências.

Boa parte das Dioceses contam com equipes de coordenação que cuidam para que os grupos não se isolem e aproximem critérios de ação com planos de trabalho integrado.

Estas equipes, por sua vez, organizam ou participam de encontros de outros serviços diocesanos, como sejam, Liturgia, catequese, ação social, assembleias diocesanas, Movimento do Negro, Cebs, JOC, ACO, Pastoral de favelas e outras promoções diocesanas - vocações, Campanha da Fraternidade, Conselhos comunitários, conselhos paroquiais equipes de preparação ao casamento, ministros da eucaristia...

Ainda há muito a crescer nesse sentido, principalmente quando avaliamos os grupos de base e nos damos conta de que os militantes responsáveis, em geral, muito empenhados, estão comprometidos com uma série de outras atividades também importantes, mas não diretamente endereçadas ao crescimento e aprofundamento da Pastoral Operária, da causa operária e popular.

Muitas vezes, como engajamento de Igreja se assume pastoral operária como prioridade, mas na prática, se acredita poder assumir tudo. Não deixa de ser uma grande ilusão. Existem exemplos de militantes que são responsáveis pela pastoral operária, pelos conselhos paroquiais, e ainda membros e conselheiros natos dos vigários e ministros da eucaristia. Isto sem falar do seu engajamento social no sindicato, no Partido político, na Associação de Moradores e membros da comissão de salário, etc. São de certa forma, super militantes, mas fica a pergunta:

- Como assegurar a continuidade dos grupos?
- Como assegurar a articulação todos os níveis?
- Como assegurar o nascimento de novos grupos?

Até que ponto não se cai na ilusão de querer abarcar tudo mas na realidade não assegurando nada?

IV - A CPO COMISSÃO DE PASTORAL OPERÁRIA

A Comissão de Pastoral Operária que em dezembro de 78, entrou em caráter provisório com a missão ampla de dar corpo a tudo o que vinha surgindo neste sentido se propôs um programa corajoso. (Cf. Separata Fev.79), sem saber como faria isso, dada a falta de recursos de pessoas liberadas, de instrumentos e de meios financeiros.

Da Comissão, ninguém estava liberado. Cada um, na base do voluntariado e do tempo disponível, buscava tornar verdade o que teoricamente se refletiu e se decidiu em dezembro de 78.

Como Comissão de Pastoral Operária, ficou estabelecido que de três em três meses, ela se reuniria com o objetivo de avaliar a caminhada. Estabelecer alguns critérios comuns para assegurar a unidade, respeitando a diversidade. Criar um Boletim através do qual a Pastoral pudesse acompanhar a marcha das experiências. Criar um Secretariado, onde tudo fosse encaminhado e rapidamente desenvolvido. Visitas às Dioceses, aos bispos e agentes de pastoral, CNBB, aos Sindicatos, a outros movimentos e organizações ocupadas com a Classe Operária e se fazer presente

nos encontros diocesanos, regionais, nacionais. (A Separata que está na pasta, apresenta ordenadamente todo o plano de encaminhamento e que continua no nosso entender, válido. Seria bom ler).

CONSTITUIÇÃO DA COMISSÃO

No final do Encontro de dezembro de 78 foram indicados para compor a Comissão em caráter provisório:

Dom Cláudio Hummes - Bispo de Sto André - SP
 Dom José Maria Pires - Arcebispo de João Pessoa - Pb
 Dom Waldyr Calheiros - Bispo de Volta Redonda - RJ
 Pe. Agostinho Pretto - Rio de Janeiro - RJ
 Maria Angelina de Oliveira - Rio de Janeiro
 Geraldo Francisco Barbosa - Sete Lagoas - MG
 Waldemar Fossi - São Paulo - SP
 Pe. Humberto Hummel - Recife - Pe
 Anísio Batista de Oliveira - São Paulo - SP
 Maria Carvalho de Menezes - Rio de Janeiro - RJ
 Pe. Raimundo José Soares - Brasília - DF
 Gerson Florêncio Diniz - Vitória - ES

No terceiro mês de existência da CPO, Geraldo Francisco Barbosa pediu demissão por ter sido eleito dirigente latinoamericano da ACO e não poder acompanhar o programa.

Pe Raimundo José Soares cedeu lugar ao Pe Virgílio Uchoa, por redistribuição de tarefas no âmbito da CNBB.

Em 1979 passaram a integrar a equipe: Adelar de David, Olívio Barreto e mais os assessores: Cláudio Araújo, Frei Betto, Eliseu Lopes e Piragibe Castro Alves.

Em 1980: Eurides Mescolotto (SC), Joaquim Almeida (Ce), George Winnik (SP), Luiz Alves (BH), Aristides Pereira de Andrade (RJ), Geraldo Mendonça (Pr).

Faltam ainda operários representantes do Rio Grande do Sul e Pernambuco.

Ajudaram a CPO a se manter atualizada no que se refere ao processo político, sindical: Piragibe Castro Alves e Luiz Alberto Gomes de Souza, cientista social.

Como assessoria de Bíblia e Teologia: Eliseu Lopes, Fr Carlos Mesters, Pe Raimundo José Soares, Fr Leonardo Boff, Jether Ramalho. Fr Clodovis Boff.

A Comissão buscou se manter atualizada no que se refere ao processo sindical, realizando reuniões com Jacó Bittar, Olívio Dutra, José Ibrahim, João Paulo Vasconcelos, Luiz Cardoso, Rolando Prati, Waldemar Róssi, Anísio Oliveira, Joaquim Arnaldo, José Cardoso.

Lugar específico da CPO

A partir de 79, começo também das "aberturas políticas" a CPO viveu um momento forte de reencontrar seu lugar específico, uma vez que, durante os anos anteriores, muitos militantes engajados, sem serem convictamente de Pastoral, buscavam os espaços da Igreja para assegurar sua militância. Houve tensões, debates políticos, contradições, erros e acertos, ataques, defesas sem que com isso se tenham criado rupturas. O fundamental tem sido sempre respeitado. Os trabalhadores devem ser os sujeitos do processo, o processo educativo, evitar propostas e programas impostos e, a Pastoral Operária não pode instrumentalizar e nem se deixar instrumentalizar.

Depois de alguns meses, com o surgimento dos Partidos novos, com as "aberturas democráticas", com o debate aberto sobre o novo sindicalismo e as esperanças das eleições e com o ponto alto das greves, os trabalhadores engajados se lançaram na luta mais aberta e democrática. Isto possibilitou mais espaço para a organização da Pastoral Operária, mas em alguns lugares, o vazio de lideranças se fez sentir.

As GREVES, principalmente as do ABC e de João Monlevade, levaram a Igreja a se perguntar: Que tipo de mundo novo está surgindo? Que Igreja nova está surgindo? Que Pastoral deve nascer?

Retoma-se o Vaticano II, retoma-se Medellín, retoma-se Puebla e a Igreja vai se dando conta de que é preciso mudar e ter coragem.

O acontecimento da greve do ABC com a coerente posição da Diocese, a partir do bispo D. Cláudio Hummes, dá um toque a toda a Igreja.

Referimo-nos à primeira greve dos metalúrgicos. O susto que isto provocou e, para alguns, escândalo fez com que se começasse a refletir ordenadamente a partir dos que trabalham, dos que produzem, dos que sustentam esta má-quina injusta e capitalista que aí está.

Praticamente declara-se a guerra. Coisa jamais acontecida neste país. Reunindo ainda ondas de greves que aconteceram antes e que foram sufocadas e ridicularizadas pela imprensa, aproximando as experiências de umas e os erros de outras, fizeram com que todos aqueles que se apresentavam como homens de fé, tomassem os fatos e avaliassem o engajamento dentro do grande binômio: Fé e política.

A CPO acompanhou e se fez presente no processo sindical, naquilo que se refere às Oposições, aos Autênticos, às chapas, às eleições. Participa como Pastoral Operária no nascimento do Documento de Monlevade, no Documento de São Bernardo, e na realização do ENTOES.

A CPO se preocupa como CPO de estar presente em toda esta política sem tomar partido, mas também sem perder a sua coerência. Militantes da Pastoral Operária estão presentes na formação dos novos partidos.

Dados os muitos desafios sociais e de Igreja a CPO, no cumprimento de sua missão, busca reforçar-se como Comissão e tornar-se cada vez mais representativa, convidando do trabalhadores para integrá-la.

Programação da CPO para 1980

Foi feito um plano para 1980. Com o compromisso de que cada membro da Comissão o desenvolvesse na sua região, a equipe executiva procurou estimular a que isso acontecesse. Fica como matéria para esta reunião.

A pesquisa foi feita e com bom resultado sem se saber bem o que fazer com ela.

O seminário de estudo que a Executiva promoveu - Fé e Política, em plano nacional, em Nova Iguaçu- RJ
Encontro Nacional dos Sub-Secretários da CNBB
Encontro de bispos com dirigentes sindicais ' em Barueri- SP.

Seminário Teológico, em Cachoeiras de Macacu, RJ, 12 dias.

Organizou dias de estudo com os participantes das Jornadas Internacionais, em Nova Iguaçu.

Promoveu dias de estudo com estrangeiros: europeus, canadenses, asiáticos, que passaram pelo Brasil em viagem de estudo ou turismo.

Durante os anos de 79-80, 309 estrangeiros passaram pelo Brasil e manifestaram interesse pela Pastoral Operária. Com dias de estudo, com programas de contatos com grupos de base incluindo visitas a S. Paulo, Vitória, S. Mateus, Salvador, Recife, BH, Fortaleza, S. Luis. Nesta linha a equipe executiva orientou para que procurassem a pastoral operária de Santo André, S. Paulo, Vitória. Igualmente se orientou o pessoal para que entrassem em contato com dirigentes sindicais dessas cidades.

A Comissão se reuniu de 3 em 3 meses para avaliar e retomar a caminhada. Nunca houve participação de todos os membros.

Como equipe executiva estivemos em:

Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Bauru, Vitória, Recife, Fortaleza, Manaus, Belém, Juiz de Fora, Itabira, Volta Redonda, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Erechim, Niterói, Valença, Nova Friburgo, Novo Hamburgo, Caxias do Sul, Itaguai, Joinville, S. Mateus, Teixeira de Freitas, Salvador, Alagoinhas, Florianópolis, Brasília, Congonhas, Acesita, Santo André.

Em algumas cidades organizando, e em outras participando de Dias de Estudos e em algumas, simplesmente visitando para estimular e animar o nascimento da Pastoral Operária.

Companheiro:

Passo às suas mãos este texto de Frei Betto, para reflexão e discussão, como base, também, para as discussões do nosso próximo encontro nos dia 11 e 12/12 em Barueri.

1. A Pastoral Operária de São Bernardo do Campo é relativamente nova: nasceu com a greve de 1980. De um pequeno grupo que se reunia na Matriz, ampliamos para os bairros: Alves Dias, Ferrazópolis, Taboão, Casas, Jardim São Bernardo. Nossos militantes são, em geral, trabalhadores engajados e comprometidos com as aspirações de sua classe. São pessoas conscientes com boa participação nas CEBs, nas atividades sindicais e, sobretudo, nos movimentos populares nos bairros.
2. Nesses dois anos e meio de atividades, procuramos definir as características de nossa PO: somos a presença da classe trabalhadora na Igreja e a presença da Igreja na classe trabalhadora. Somos um grupo de trabalhadores cristãos, gente de fé, interessada em seguir Jesus Cristo. Nossas atividades são sempre feitas à luz do Evangelho, como o foram as I e II Semanas do Trabalhador: Igreja e Classes Trabalhadoras e Fé e Compromisso Político, respectivamente, sem atividade iniciativas de grande êxito. Sabemos, também, o que não somos e não queremos ser: um grupo político, um núcleo partidário, um apêndice do sindicato, uma espécie de fundo de greve cristão. No entanto, estamos agora na busca de definir melhor a nossa situação em São Bernardo.
3. Uma coisa que deve estar bem clara para todos os nossos militantes: o fundamento de nossa PO é a fé em Jesus Cristo. Somos pessoas tocadas interiormente pela graça de Deus e que procuram responder a este apelo. Não é a linha progressista da Igreja, a simpatia do bispo ou o apoio da Igreja às lutas dos trabalhadores que nos motivou em primeiro lugar. É a inquietação que o Senhor Jesus semeou no coração de cada um de nós - o que, como diz São Paulo, pode parecer "loucura para os pagãos e escândalo para os judeus". Por isso, é fundamental que cada um de nossos grupos seja um núcleo de aprofundamento e de celebração da fé.

A reflexão do Evangelho ilumina nossas atividades e nossas lutas. É a Palavra de Deus que nos permite livrar-nos das amarras do sistema e da ideologia dominante. É ela que interiormente nos liberta.

4. Somos um grupo apostólico. Deus confia em cada um de nós para manifestar Seu nome entre nossos companheiros trabalhadores. Há uma maneira de fazer isso sem cairmos no fariseísmo, como - aqueles que fazem da fé uma coroa que se carrega na cabeça. Não é este o nosso caminho. O que deve aparecer em nós não é o fato de pertencermos à PO, de estarmos ligados à Igreja, etc. O que deve aparecer é nosso compromisso com a classe trabalhadora, nossa disposição de luta, nossa dedicação aos interesses de nossos companheiros. A árvore se conhece pelos frutos e não pela casca, diz o Evangelho. Portanto, é importante que cada um de nós sinta-se apóstolo junto a seus companheiros de trabalho. O papel de um militante da PO é exercer uma militância cristã. Ser fermento na massa. Podemos dizer que temos duas tarefas: A nível do Reino:-- Anunciar e construir o Reino de JUSTIÇA, LIBERDADE, IGUALDADE, enfim, o MUNDO NOVO. Onde se encontra a FRATERNIDADE, aí se constrói o REINO. Temos que explicitar isto para todos. Muita gente constrói o Reino na luta pela Justiça. É o nosso testemunho, evitamos os sinais do anti Reino que vai pesar na organização do Povo. A nível de Igreja:-- Estar na Igreja é responsabilidade. Mas só tem sentido enquanto fermento do Reino. A minha tarefa apostólica é fazer com que outros companheiros também despertem para o compromisso a nível de fé. Temos que ser instrumento da presença de Deus no meio dos homens.
5. Somos um grupo comprometido com a libertação de nosso povo. Isso -é consequência de nossa fé: Deus exige de nós uma sociedade justa, igualitária, fraterna. Por isso, temos a obrigação de participar ativamente das organizações de luta dos trabalhadores: os militantes da PO devem estar presentes nos sindicatos, no fundo de greve, nas comissões de fábrica, nos movimentos de bairro e, nos partidos políticos. A PO é o posto de gasolina que abastece seus militantes presentes em todas essas ferramentas.

Muitas vezes a gente fica se perguntando o que fazer como PO. Ora, as ferramentas estão aí, e é lá dentro delas que realizamos as nossas tarefas de PO. Isso não quer dizer que a PO não possa ter iniciativas próprias. Pode e deve. Mas o fundamental é a PO formar militantes que, na linha do Evangelho, dentro da inspiração cristã libertadora, atuem dentro das ferramentas de organização e luta da classe trabalhadora. Faremos isso, não para dominar essas ferramentas, mas sim para ajudá-las a estar realmente a serviço da classe, semeando a libertação. Em nossas reuniões devemos saber de cada um em que ferramenta está engajado, presente, o que faz lá e ajudá-lo a melhorar a sua atuação lá dentro.

6. Papel importantíssimo tem a Coordenação da PO-SBC. Cabe a esses companheiros, escolhidos pelos demais militantes, ser o motor de nosso grupo. A Coordenação é quem anima os grupos, prepara as reuniões, incentiva os militantes a assumirem iniciativas nos grupos - como preparar orações, cânticos, etc. A Coordenação dá vida à PO colocando-se a serviço para fazer da PO uma coisa dos próprios trabalhadores e não dos padres ou das freiras. Por isso, cada membro da Coordenação deve programar sua vida de tal modo que à PO caiba um lugar de destaque como atividade prioritária. Deve manter em dia a agenda de reuniões. Deve saber dar a palavra aos militantes e escutá-los. Deve fazê-los se sentir responsáveis. Deve manter contato com companheiros fora das reuniões e estabelecer com eles laços de afeto.
7. À Coordenação cabe a tarefa de abastecer de publicações nossos militantes, de tal modo que aprofundem sua fé e sua militância, bem como sua consciência política libertadora.
8. Que esses pontos sejam refletidos e aprofundados de maneira a podermos, no nosso encontro dos dias 11 e 12/12, planejar melhor nosso trabalho para o ano de 1983.

* * *

PISTAS

PASTORAL OPERÁRIA



COMISSÃO NACIONAL
DE PASTORAL OPERÁRIA

1982



A CPO Nacional, querendo prestar um serviço às Pastoraes Operárias do Brasil e aos agentes que se preocupam com a formação de Grupos de operários, "encomendou" ao pessoal de Joinville - SC, este "Manual" que agora passamos as suas mãos. Esperamos que possa servir ao objetivo que idealizamos - ser um instrumento que ajude a reflexão, e sirva de subsídio para os operários que se reúnem como Igreja e que buscam na fé, a força para se comprometer sempre mais na luta da Classe operária.

Aos Companheiros de Joinville, nosso agradecimento.

A Comissão.

Comissão Nacional de Pastoral Operária - Secretariado
Caixa Postal, 84366
27.180 - Volta Redonda - RJ

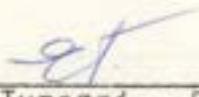
Prezado Companheiro

Estamos enviando 1 exemplar da CARTILHA DA PASTORAL OPERÁRIA para o seu conhecimento. Se interessar, você poderá encomendar mais algumas, mas não demore porque temos poucas. Infelizmente temos que falar de preço também: estamos pedindo 150,00 por cada uma, para cobrir parte do custo. Pedimos esse valor também POR ESTA QUE TIVEMOS A LIBERDADE DE ENVIAR. A melhor forma de pagamento:

- VALE POSTAL ou
- CHEQUE NOMINAL CRUZADO ou ainda
- ORDEN DE PAGAMENTO para o BANCO REAL, Agência 352 de Volta Redonda RJ - em nome de EDNA TURAZZI.

Sem mais, ficamos aguardando um sinal qualquer daí.

Atenciosamente



Edna Turazzi - P/CPO



SUMÁRIO

Fichas	Pág.
01. A Realidade da Vida do Povo de Deus no Tempo da Bíblia	01
02. Projeto Bíblico de Libertação - Sociedade Igualitária	04
03. Projeto Libertador de Deus	09
04. A Realidade do Povo no Tempo dos Profetas	13
05. Jesus Cristo, o Operário de Nazaré, Libertador de seus Companheiros	14
06. Jesus e seu Relacionamento com o Pai	17
07. A Realidade na época de Jesus	19
08. A Missão da Igreja no Mundo do Trabalho	23
09. O Agir do Operário Cristão	27
10. Solidariedade no Local de Moradia	31
11. A História da Classe Operária no Brasil	33
13. A realidade do Operário a partir de 64	38
14. Sindicalismo	43
15. Eleições Sindicais	45
16. Oposição Sindical	46
17. Campanha Salarial	48
18. Principais reivindicações	52
19. Saúde e Previdência Social	56
20. Política Econômica	58
21. CONCLAT	60
22. Conscientização Política do Cristão	62
23. Critérios para o Povo Jülgar e escolher	65
24. Conscientização Política do Cristão	67
24. " " "	69
25. " " "	71



FICHA 1 - A REALIDADE DA VIDA DO POVO DE DEUS NO TEMPO DA BÍBLIA

LEITOR 1 : Nós todos somos operários. É bom a gente, na calada da noite, depois de um dia de arrocho na fábrica, poder bater um gostoso papo.

LEITOR 2 : É, a vida tá pesada. É uma barra que ninguém mais agüenta. Mas, será que isso é só no nosso tempo?

LEITOR 1 : Esta história de nosso trabalho sofrido vem de muito longe. Mas, não é por acaso que as coisas estão assim. Os opressores, ao longo da história conseguiram fazer um verdadeiro programa de como explorar mais as nossas forças.

Nossa história começa assim: "Nosso Pai, Abraão, era um errante (migrante)... E foi pela Fé que Abraão, obedecendo ao apêlo Divino, migrou (começou a se mexer) para uma Terra que devia receber em herança" (HB.11,81).

De Abraão, nasceu toda uma caminhada, todo um movimento de um povo forte e trabalhador, mas oprimido e explorado, como são fortes, trabalhadores, oprimidos e explorados os operários de hoje.

LEITOR 3 : Quer dizer, então que esse trabalho que a Igreja está fazendo com a gente é a continuação daquele movimento que Abraão começou por causa de sua Fé! E o apêlo Divino para "conquistar a terra" é a gente se unir para fazer a caminhada da Libertação?

LEITOR 1 : É isso aí. Mas, com o tempo, por certo descuido do próprio povo, uma idéia errada e torta sobre Deus, foi comendo a nossa Fé. E o povo ficou fraco de Fé. Perdeu o rumo certo. Começamos a ver Deus como um comerciante, um quebra-galho que a gente pode comprar com promessas, romarias, ritos e

sacrifícios. Um Deus mais amigo dos ricos e dos opressores, do que um Deus comprometido com os pobres e trabalhadores.

LEITOR 3 : Essas idéias fazem como o cupim. Por fora a casa tá bonita, mas, por dentro tá toda comida. Qualquer vento pode derubá-la no chão.

LEITOR 1 : Essas idéias tortas sobre Deus, mata a Fé por dentro. Daí a gente não vê mais saída e acaba aceitando tudo. A gente fica mais fraco que os opressores. E pagamos o pato.

LEITOR 3 : Jesus tinha muita razão quando disse: "Quem tem medo, acaba perdendo a vida". De ameaça em ameaça os patrões vão fazendo crescer sempre mais a grana deles, enquanto que os nossos salários vão ficando cada dia mais curtos.

LEITOR 2 : Mas, quem semeou esse cupim?

LEITOR 1 : Os poderosos que vivem às custas do Povo trabalhador, os grandes patrões que enriquecem às custas das nossas forças, sabem que jogando esse cupim, corrompendo a cabeça da gente operária com idéias falsas e erradas sobre Deus, podem com facilidade vencer e escravizar os operários com ameaças, repressões, demissões, etc.

Muitas vezes, nós cristãos deixamos que os filhos do mal sejam mais espertos do que os filhos da Luz. Os nossos opressores, antes de virem nos combater abertamente com salários injustos, com o desemprego e outras ameaças, já nos venceram às escondidas com essas idéias falsas, jogando em nossas cabeças esse cupim danado.

LEITOR 2 : Você falou que tudo isso é programado. Como acontece isso?

LEITOR 1 : Se olharmos a Bíblia, vamos descobrir nas linhas e nas entre-linhas um PROJETO DO GRANDE FARAÓ, o Rei que escravizou duramente o povo de Israel.

LEITOR 3 : Como é que ele funciona?

ANIMADOR : Ele é feito para centralizar tudo nas mãos do Rei e de seus cupinchas.. Vamos ver passo por passo isto, na próxima reunião.

E agora vamos refletir:

- 1- Que idéia cada um de nós faz de Deus? Conte pra gente.
- 2- Será que Deus chamou só Abraão para conquistar a terra, os direitos, ou chama também nós hoje? Como?
- 3- Será que Deus está de acordo com a pobreza, a miséria e o sofrimento dos trabalhadores?

FICHA 2 - PROJETO BÍBLICO DA LIBERTAÇÃO - SOCIEDADE IGUALITÁRIA

LEITOR 1 : 1. ESTE PROJETO PROPÕE UMA SOCIEDADE IGUALITÁRIA: esta é sua primeira proposta, contrariando a sociedade hierarquizada, dividida em ricos e pobres, opressores e oprimidos do projeto do Faraó.

No projeto do Faraó, o rei mandava nos príncipes, os príncipes mandavam nos sacerdotes e todos eles mandavam e viviam às custas dos trabalhadores.



LEITOR 2 : No Evangelho de Jesus, escrito por Marcos 10,42-43 diz assim mesmo: "Vedeis que os que são considerados chefes das nações dominam sobre elas... Entre vós, porém, não se rá assim, mas todo o que quizer tornar-se grande, seja vos so servo".

LEITOR 3 : Jesus nos quer dizer, que no Projeto Bíblico, a sociedade humana deve se basear na solidariedade mútua sem ninguém querer ser mais que ninguém. Na primeira experiência de libertação do Povo de Deus, quando foram livres das garras dos Egípcios e conquistaram a Terra Prometida era assim: a terra foi repartida entre todos com justiça e igualdade. A menor unidade e com sua respectiva autonomia era

a FAMÍLIA PATRIARCAL. Depois vinha o CLÃ que era composto pela unidade de algumas famílias. Depois vinha a TRIBO, composta pela unidade de diversos clãs. As 12 tribos de Israel viviam unidas numa confederação sem eliminar sua autonomia própria.

LEITOR 1 : E o trabalho como é que era?

LEITOR 2 : Enquanto no projeto do Faraó existia a exploração do trabalho, no projeto de Deus, vivido pelo povo de Israel durante uns 200 anos, todos são chamados a viver do seu próprio trabalho.

No projeto do Faraó, os príncipes e os sacerdotes se apropriavam, roubavam "legalmente" as terras e aquilo que os trabalhadores produziam. No projeto de Deus, entre as tribos, isso era impossível de acontecer e haviam leis que protegiam o bem comum e a posse de cada um.

LEITOR 3 : Era claro entre eles que os bens que Deus dá, devem em primeiro lugar ser fruto do próprio trabalho. Ninguém pode enriquecer às custas de seus operários. Isso é um roubo. E não repartir os bens, a produção (Prov.13,11) era um grande pecado. Em segundo lugar, para que a riqueza seja considerada como um Dom de Deus e não um roubo, não só deve ser fruto do próprio trabalho, mas também deve ser recebida na medida da necessidade de cada um (Prov.3,27-28; Jó 31,16-17). Ao contrário, com tremenda severidade a Bíblia denuncia o enriquecimento (Eclesiástico 34,24) e o próprio Jesus que vai dizer: "É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino do Céu".

LEITOR 1 : Que leis é que protegiam os bens do povo, repartidos com igualdade?

LEITOR 2 : Não reter hipotecas, nem fazer negócios ou empréstimos com usura, com lucros (Dt. 24,10-17 ; Lev. 25,35-37) e cumprir o pagamento do salário, no dia marcado (Dt. 24,14-15).

- Lei do Ano Sabático ou da Remissão: de sete em sete anos, todas as dívidas, prestações, eram perdoadas "com finalidade de que não haja nenhum pobre junto de ti" e darás liberdade a todos os escravos (Dt.15,1-6. 12-18 ; Ex.21,2).

- Lei do Jubileu: depois de 7x7 anos sabáticos = 49, isto é, no quinquagésimo ano (cinquentenário): "Publicareis a liberdade na terra para todos os seus habitantes. Será o vosso jubileu. Voltareis cada um para suas terras e para a sua família... voltareis cada um à sua possessão" (Lev. 25,8-28). Assim ninguém ficava sem terras e ninguém com terras demais.

LEITOR 1 : No projeto do Faraó, o poder se concentrava nas mãos do rei. Entre o Povo de Deus o poder era dividido e vinha sempre de baixo para cima. No sistema das tribos, o poder se exerce com autonomia. Os chefes de famílias resolviam seus problemas, e era levado o problema para toda a tribo, quando o mesmo problema envolvia todo mundo. Por outro lado, eles mantinham o princípio de solidariedade. As famílias tinham obrigação com os clãs e os clãs tinham obrigações com a tribo.

LEITOR 2 : O projeto do Faraó, só defendia os interesses do rei e dos príncipes e sacerdotes. O povo era ralado. No projeto de Deus, as leis são feitas para defender a igualdade entre todos.

LEITOR 3 : É assim que encontramos na Bíblia diversas leis que defen

dem as pequenas comunidades contra a ganância. As leis dos 10 mandamentos defendem a liberdade que foi conquistada e o novo relacionamento social: não roubar, não acumular, não matar, não mentir, não jurar falso (Dt.5,6-21). Tudo isso, em defesa dos direitos dos pequenos contra a tentação permanente do poder e da ganância dos que não aceitam a igualdade. (Seria bom nós lermos também o capítulo 25 do Levítico).

LEITOR 2 : No projeto do Faraó, havia um exército mercenário, que vivia de altos salários para defender o país dos ataques de fora e assim salvaguardar os interesses e as riquezas injustas dos grandes e exercia a dominação em cima dos trabalhadores. No projeto de Deus, só existia em tempos de necessidade, um exército formado por pessoas do povo. No momento em que a terra, que era de todos, precisava ser defendida do ataque dos grileiros ou de outros povos, todos se reuniam para defender essa terra. O exército popular só se estabelecia em momentos de crise.

LEITOR 3 : No projeto do Faraó, a liderança era única e exclusiva do rei e dos seus cupinchas.

No projeto de Deus, a Liderança nascia do próprio povo, por eleição. Até mulheres chegaram a liderar guerras de defesa contra os ataques de outros povos. Miriam, a irmã de Moisés, toma a iniciativa no culto. Por sugestão de Jetro, sogro de Moisés, o poder é descentralizado para setenta líderes populares. Os juizes, homens de várias tribos, eram escolhidos de baixo para cima. Há uma resistência muito grande contra o poder ser passado de pai para filho. Isso para evitar a concentração do poder (Ex.18,13-26; Dt.1,15-18).

LEITOR 1 : Projeto do Faraó: O saber nas mãos de poucos, só os protegidos do rei aprendiam os 5.000 sinais (hieróglifos).

Projeto Bíblico de Deus: O saber é partilhado entre todos. Se dá toda a importância à Sabedoria Popular, e para ler e escrever se adota o nosso abecedário formado apenas por 25 letras. Assim todos tinham acesso ao saber.

LEITOR 2 : Projeto do Faraó: As decisões eram tomadas por poucos.

Projeto de Deus: Entre o povo de Deus, haviam assembleias regulares, feitas com representantes das famílias, dos clãs e das tribos, onde se decidiam os destinos de todo o povo. O povo participava efetivamente.

ANIMADOR : Para nossa reflexão:

- 1- Qual a idéia que nós temos de Deus? É isso que a Bíblia nos revela ou aquela dos cupins dos opressores?
- 2- Você acha que deve haver pobres e ricos?
Concorda com o projeto de sociedade igualitária?
- 3- As leis hoje são feitas por quem? A serviço de quem?
- 4- Qual deveria ser o papel do Exército de uma nação e como deveria ser estabelecido?
- 5- As lideranças de nossos grupos, comunidades e de nosso país são eleitas por quem?

ANIMADOR : Na última reunião, vimos algumas características do projeto Bíblico da Libertação. Hoje, nós vamos tentar ir em frente:

LEITOR 1 : Projeto do Faraó: Vários deuses

Projeto Bíblico: HÁ UM SÓ DEUS

A pregação da existência de vários deuses, fazia o povo acreditar que o mundo devia ser como era, sem nada mudar. Como havia um deus maior que o outro, no mundo também existiam pessoas que eram maiores que as outras, mais poderosas, por causa da proteção dos deuses.

No projeto Bíblico da Libertação, Deus se revela como ÚNICO, e como aquele que "vê a aflição do seu povo, ouve os seus clamores por causa de seus opressores e desce para o libertar" (Ex.3,7-8).

LEITOR 2 : A idéia de um Deus único e comprometido com os trabalhadores é revolucionária e subversiva para o sistema do Faraó. A idéia de um Deus único, trazia como consequência o seguinte: Ele só é o Criador e só Ele tem todo o poder. O rei não é Deus nenhum e não é nada mais do que qualquer trabalhador. Esse Deus Único é o dono de tudo e quer que todos os bens sejam repartidos com justiça e igualdade entre todos. Nada de mordomias e altos salários para o rei e seus cupinchas. Esse Deus, quer que tudo seja repartido para a humanidade, isto é, seus filhos não sejam divididos entre ricos e pobres. Essa fé no Deus Único é necessariamente contra todo tipo de exploração social ou racista entre os homens (Dt.5,6-10).

LEITOR 3 : No projeto do Faraó: sacerdotes latifundiários

No projeto Bíblico de Libertação: sacerdotes sem terra. Na distribuição das terras entre as 12 tribos de Israel, a única tribo que não recebe terra é a tribo de Levi (os levitas), que era uma tribo sacerdotal. Isso para impedir que a liderança e poder dos sacerdotes se corrompa ao lado dos opressores, acumulando terras como eles. O sacerdote, tem como missão mais alta, fazer sempre vivo na memória do povo, o projeto libertador de Deus. Ele é servidor do povo em nome do único Deus. Por isso, as tribos devem sustentar os levitas através do dízimo.

LEITOR 4 : Projeto do Faraó: Culto centralizado, desligado da realidade, descomprometido, alienante, vazio. Mantinha a dominação.

Projeto Bíblico da Libertação: Entre o povo de Deus, o culto não é propriedade dos levitas. Os chefes de família é que presidiam (o culto) na maior festa litúrgica: a PÁSCOA. Aos sacerdotes cabia a tarefa de interpretar a vontade de Deus, seu plano libertador e animar o povo nessa caminhada.

LEITOR 5 : Projeto do Faraó: Culto em cima de mitos. O que os deuses fizeram ninguém pode mudar.

Projeto Bíblico da Libertação: O culto, a liturgia é feita em cima de fatos da história do próprio povo. O culto do povo de Deus, narra os grandes feitos de Deus na libertação de seu povo. Nós na missa também fazemos a narração de fatos bem concretos: o derramamento do sangue de uma pessoa para que nós tivéssemos vida e vida em abundância. A principal liturgia do povo era a da Páscoa = passagem do povo da terra da escravidão do Egito para a Terra da

Liberdade, da igualdade e da fraternidade (Dt.6,20-25).

LEITOR 6 : Projeto do Paraó: Culto pede ritos. Negócios com a divindade.

Projeto Bíblico da Libertação: O Culto pede compromisso . Era feito de maneira a levar o povo a se comprometer com o " PROJETO DE DEUS " na transformação permanente da vida e da sociedade , em vista de uma nova ordem social: justiça, igualdade, fraternidade, para que o mundo seja de paz para todos.

ANIMADOR : É assim que, na Bíblia, descobrimos o Deus verdadeiro e verdadeiramente libertador. Ele mesmo toma a iniciativa de convocar seu povo para a luta, em vista da realização do seu projeto. É interessante notar que na Bíblia, Deus não se revela convocando o Povo para a la. Comunhão, ou para casar na Igreja, ou para se confessar pelo menos uma vez cada ano. Ele se manifesta muitas vezes, fazendo uma real convocação popular para a Luta Libertadora (Ex.3,7-8 e os profetas).

Não quer dizer que os Sacramentos não tenham seu real valor. Pelo contrário, seu valor é inestimável, desde que celebrados por um povo unido e que tenta se organizar para lutar pela realização do Projeto Divino entre os homens. Do contrário, transformamos a celebração dos Sacramentos em "pérolas jogadas aos porcos". Em vista dessa Nova Ordem Social, a construção dos Projeto Bíblico - O REINO - Deus envia ao nosso encontro o seu próprio filho Jesus Cristo.

Para a nossa reflexão:

- 1- Como são feitas as nossas celebrações e liturgia?
- 2- Já existe união entre os operários de nossa comunidade para podermos celebrar?
- 3- Um povo desunido e desorganizado pode celebrar sua Vida?
- 4- Nossos sacerdotes , hoje, estão mais próximos do comportamento de Jesus ou mais próximos do comportamento dos sacerdotes do projeto do Faraó?
- 5- O que podemos fazer para sermos fiéis ao projeto Bíblico da Libertação?

FICHA 4 - A REALIDADE DO POVO NO TEMPO DOS PROFETAS

LEITOR 1 : Será que nesse tempo as coisas eram diferentes? Será que todos os profetas caíram no conto do rei?

LEITOR 2 : Nesse tempo também, como hoje ainda, o resultado, as conseqüências do projeto do Faraó eram as mais terríveis e desumanas.

Como hoje, muitos verdadeiros profetas fizeram sua opção real pelos pobres e denunciaram com toda a coragem a corrupção do rei e de seus príncipes, no passado muitos verdadeiros profetas levantaram sua voz para falar a verdade.

LEITOR 3 : Vamos escutar os seus gritos em favor dos oprimidos:

Isaías: 1,11-17 ; 3,12-15 ; 5,8-9.20-24 ; 10,1-4 ; 58,1-12

Jeremias: 7,9-11

Oséias: 4,1-9

Amós: 4,1-3 ; 5,21-25 ; 6,1-7 ; 8,4-6

Miquéias: 3,1-4

Sofonias: 1,7-9

Eclesiástico: 34,19-26

ANIMADOR : Para a nossa reflexão:

1- Estes verdadeiros profetas surgiram do meio dos pobres' ou dos ricos?

2- O papel do profeta verdadeiro é: Anunciar a proposta de Deus, denunciar as injustiças e edificar uma nova ordem social: igualdade, justiça e fraternidade. Concorda? Discorda? Por que?

3- Temos profetas hoje? cite alguns. O que devem fazer?

4- O Cristão deve ser Profeta também?

FICHA 5 - JESUS CRISTO, O OPERÁRIO DE NAZARÉ
LIBERTADOR DE SEUS COMPANHEIROS

ANIMADOR: Ao apresentar-se à Comunidade, Jesus reassume a luta e programa dos Profetas, para mostrar ao povo qual seria seu compromisso diante de Deus, Pai, e diante dos homens, de quem se fez irmão, e que tipo de libertador se propõe a ser.

LEITOR 1: "O Espírito do Senhor está sobre mim. Ele me escolheu para anunciar a Boa Nova aos pobres e me mandou anunciar a Liberdade aos presos, dar vista aos cegos, pôr em liberdade os que estão sendo maltratados e anunciar o ano de graça em que o Senhor vai libertar o seu povo" (Lc.4, 18-22).

ANIMADOR: Para entender melhor a missão de Jesus é bom saber que o ANO DA GRAÇA significa na Bíblia, o ano sabático e Jubilar aonde se realiza "ANISTIA AMPLA, GERAL E IRRESTRITA", acabando com todas as dívidas e qualquer escravidão. A terra e todos os bens de produção são repartidos igualmente entre todos.

LEITOR 2: Jesus, o carpinteiro de Nazaré, não quis fugir dessa programação anunciada pelos profetas, especialmente por Isaias 61. Cristo se coloca claramente ao serviço dos oprimidos, dos mais ralados, daqueles que sempre levam a pior. Isto custa uma luta: "O Reino do céu sofre violência e só os violentos o arrebatarão".

ANIMADOR: Vamos ver agora, como Jesus se comportou frente AO PODER DE SEU TEMPO.

A Palestina estava dividida em dois territórios ambos dominados pelo Estado Romano e pelo Estado Judeu. Na

Judéia e na Samaria era o SINÉDRIO (sumo sacerdote e os anciãos) que comandava. Os grandes sacerdotes que faziam parte do Sinédrio, eram da alta aristocracia do clero. Os anciãos eram chefes de famílias mais ricas, isto é, os grandes proprietários e fortes comerciantes. O sinédrio junto com os grandes sacerdotes centralizava todo o poder do lado da nação judéia. Tanto o poder religioso como o poder político, econômico e ideológico. Ex.: O Comandante do templo, às ordens do sumo sacerdote exercia a repressão em toda a Judéia. Três grandes sacerdotes de mãos dadas com os anciãos ricos, eram os tesoureiros do templo, encarregados das finanças do Estado.

LEITOR 3: O governo de Jerusalém era controlado por um procurador romano(ex. Pilatos) que dava certa autonomia aos aparelhos políticos judios. Autonomia aparente. Roma é que escolhia os sumos sacerdotes e controlava os anciãos, podendo desapropriar as terras destes em qualquer momento.

LEITOR 4: Na Galiléia tinha um rei, que na época de Jesus, era Herodes Antipas. Era submisso ao poder de Roma. Jesus percebeu logo que o templo de Jerusalém era sede do poder explorador do povo. Subiu a Jerusalém, partindo da Galiléia para enfrentar o sistema na sua raiz. Denuncia o fermento ideológico dos grandes: compara os sacerdotes com os "vinhateiros infiéis e assassinos" (Lc.20, 9-11).

LEITOR 5: As autoridades entenderam que as denúncias de Jesus se dirigiam a eles e logo começaram a perseguí-lo e a procurar um meio para o matar. O cerco mortífero foi se apertando rapidamente em volta de Jesus, até conseguir condenação.

No entanto, Jesus já abria perspectivas novas: a sua RESSURREIÇÃO. Dizia aos apóstolos: "Vocês me esperam na Galiléia". Com isto, Jesus ampliava sua missão abrindo as

portas para os não judeus, para todo o povo, e pensava na segunda etapa da sua caminhada: os pagãos, Roma ...

LEITOR 6: A opressão sendo articulada a nível mundial, Jesus propõe uma abertura e uma articulação dos oprimidos também universal.

ANIMADOR: O povo se identificava com Jesus. Ficava admirado de ver que a sua prática batia e casava cem por cento com suas Palavras.

Grande parte do povo também se identificava com os Zelotes (partido guerrilheiro de libertação nacional). Até Jesus, chamou dentre os 12 apóstolos, homens que tinham ligação com esse partido: Simão, o Zelote e provavelmente, Judas, o Sicário. Mas Cristo não quis se fechar dentro de um partido guerrilheiro nacionalista. Quando os Zelotes quiseram fazê-lo Rei, o chefe militar que estavam esperando, Jesus recusou.

Na realidade, os Zelotes eram reformistas, enquanto Jesus queria MUDANÇAS mais radicais. A visão de Jesus era baseada no PROJETO DO REINO DE DEUS que é construído no dia a dia pelo povo oprimido e queria abrir esta proposta de uma sociedade igualitária, fraterna e justa a todos os trabalhadores do mundo.

Seu projeto e objetivo não é apenas uma tomada do poder, mas transformar todo poder em SERVIÇO DE JUSTIÇA REAL no mundo do trabalho, de PARTILHA SOLIDÁRIA DE TODOS OS BENS NA IGUALDADE, NA FRATERNIDADE E NA PAZ.

PARA NOSSA REFLEXÃO:

- 1 - Os operários cristãos também são ungidos pelo mesmo Espírito que ungiu Jesus Cristo? Se é o mesmo, para que nos ungiu?
- 2 - Como é exercido o poder político e econômico hoje? É de serviço ou de exploração em cima do povo?
- 3 - Nosso comportamento frente ao poder de hoje, é parecido com o de Jesus? Se não é o que podemos fazer?

FICHA 6:

JESUS E SEU RELACIONAMENTO COM O PAI

ANIMADOR: Progressivamente, a partir de sua prática de pobre junto aos pobres, Jesus ia descobrindo as dimensões de sua Missão e qual o compromisso que o Pai esperava dele.

Aos 12 anos, na sua primeira romaria a Jerusalém, Ele esclareceu o objetivo de sua Vocação: " DEVO ME PREOCUPAR COM AS COISAS QUE SÃO DE MEU PAI" (Lc.2, 49). E mais tarde, na hora de morrer, Ele entregou o seu Espírito ao Pai dizendo: "Missão cumprida" (Jo. 19, 30).

ENTRE ESTES DOIS MOMENTOS, Jesus vai descobrindo aos poucos nas pequenas coisas, nas angústias, sofrimentos, alegorias e Esperanças do povo, nos sinais, nos acontecimentos, na Palavra das ESCRITURAS SAGRADAS, O QUE É QUE O PAI ESPERA DELE.

LEITOR 1: Parece duvidar antes de fazer os milagres (bodas de Canã - Jo 2, 4 ss). Foi preciso que a mãe Siro-Fenícia insistisse para que Jesus curasse a filha doente (Mc 7, 25-30) Jesus, marcado pela ideologia nacionalista dos judeus, parece não querer intervir em favor de uma estrangeira e lhe responde com uma linguagem que num primeiro instante parece severa demais: "Não é lícito tirar o pão dos filhos para dá-lo aos cães". Mas a fé dessa mulher, parece forçar Jesus a compreender que sua Missão é universal, e lhe responde: "Pelo menos das migalhas que caem da mesa, os cães têm direito". Então, Jesus age: e a filha ficou curada.

LEITOR 2: No Jetsemani, antes de sua prisão, Jesus sofre a dúvida e a contradição interna dos que se sentem isolados e devem assumir os acontecimentos até o fim. Será que o Pai está querendo isso mesmo? "Pai, se é possível, afaste de mim este cálice" (Lc 22, 42).

LEITOR 3: Por ser filho legítimo de Deus, Jesus estava totalmente disposto a cumprir os desejos do Pai. Em cada momento de sua prática por estar ativamente presente nas lutas dos homens, ele descobria no momento, as novas dimensões de sua missão. Assim, A INTIMIDADE DE SEU RELACIONAMENTO COM O PAI se reforçava e se esclarecia através de seu engajamento e de sua luta em favor dos oprimidos.

ANIMADOR: Para a nossa reflexão:

- 1 - Nossas práticas são coerentes com a nossa palavra: "Sou cristão"?
- 2 - Existe lugar para dúvidas, na vida de quem está comprometido com o Evangelho? Em que momentos aparecem mais fortes?
- 3 - Nosso espaço de relacionamento e de intimidade com o Pai já existe? Em que é reforçado?



LEITOR 1: Para entendermos a realidade do nosso compromisso, hoje, é importante conhecer a realidade do tempo de Jesus?

LEITOR 2: Ao meu ver é muito importante, para podermos entender aquilo que no seu evangelho Ele nos propõe. Sem entender a realidade do seu tempo, a gente pode correr o risco de entender o evangelho como os opressores.

LEITOR 1: ECONOMIA RURAL: existia a produção dos pequenos povoados asumidos por pequenos proprietários. Viviam de uma agricultura de luta para sobreviver. Trocavam os produtos entre si. Nesses pequenos povoados existiam também alguns artesãos. Com a dominação romana esse pessoal todo era obrigado a pagar impostos: um para o estado romano e outro para o estado judeu. Esses impostos empobreciam ainda mais essa gente. Um desses povoados é o de Nazaré, onde Jesus viveu grande parte de sua vida e aprendeu a luta pela justiça. "Crescia em sabedoria, em idade e graça diante de Deus e diante dos homens" (Lc 2, 52).

LEITOR 2: Existia, de outro lado, a PRODUÇÃO DE LATIFUNDIOS: Eram grandes proprietários. Aqui entram os anciões do templo (nobreza e elite) e os grandes sacerdotes (nobreza sacerdotal) dos quais a Bíblia fala e os mostra opressores, perseguidores de Jesus e que possuíam milhares de alqueires de terra. Quem trabalhava suas terras eram os colonos, os escravos. Os produtos desses grandes exploradores eram comercializados.

ANIMADOR: VEMOS ENTÃO QUE EXISTIAM DOIS TIPOS DE ECONOMIA:

Uma economia fraca e de subsistência para os pobres trabalhadores e outra economia forte e desenvolvida para os ricos.

LEITOR 1: Até parece o tempo de hoje. Os pequenos colonos que mal conseguem sobreviver e os grandes latifúndios que fazem a exportação.

LEITOR 2: Existia também uma economia urbana: Essa era baseada na produção. Essa produção dependia essencialmente dos artesãos que fabricavam roupa, comida, perfumes etc...

Existiam também os operários de construção civil. Estes eram muito importantes para o sistema do tempo. Ex.: o templo de Jerusalém foi trabalhado durante oitenta anos. E pelo ano 60 haviam 18.000 operários só na Judéia, ocupados na edificação do templo e dos palácios dos grandes. Existia um número bem elevado de desempregados e sub-empregados.

LEITOR 1: Vimos bastante das coisas da roça, da cidade e da organização política. No tempo de Jesus também existia uma organização POLÍTICA.

A organização política daquele tempo era exercida na forma de uma ditadura militar imposta pelo império romano.

LEITOR 3: Não é possível! É coisa demais parecida com a nossa. Não é?

LEITOR 2: O imperador romano tinha todo o poder. A dominação era tão bem disfarçada que o povo quase não percebia. Além da exploração econômica, o poder romano se reservava:

- 1 - o direito de nomear e demitir os sumos sacerdotes, chefes religiosos de maior autoridade;
- 2 - o direito da distribuição dos títulos de terra aos grandes;
- 3 - o direito de condenar à morte por crimes políticos. Ex.: Jesus teve que recorrer a Pilatos, representante de Roma. E intervinha no caso de revoltas. Ex.: no ano quatro por ocasião da primeira revolta dos Zelotas, os romanos

torturaram e crucificaram 2.000 pessoas. Os grandes, quando eram descartados da panela, recorriam ao luxo, à libertinagem. As seitas e movimentos religiosos alienantes tinham entrada fácil.

- LEITOR 1: Você já se perguntou porque entram tão fácil tantos movimentos religiosos e seitas hoje no Brasil? É gozado! Porque de outro, o mesmo governo expulsa padres que estão do nosso lado.
- LEITOR 2: É pra vê como os dominadores são espertos e usam até da religião pra gente não abrir os olhos. É assim, que vamos ver que no tempo de Jesus o imperador romano era respeitado como divino. O povo pobre e trabalhador tinha medo dele. O culto, como no tempo de Faraó, o rei do Egito, era importante para manter as mordomias e corrupções dos governantes e dos poderosos. Havia uma verdadeira idolatria do poder político. Era a melhor maneira de dominar e manipular as massas dos trabalhadores: o povo era abrigado a adorar a pátria, o partido do rei, o chefe. Dentro desse mundo político desse tempo, a atitude de Jesus é revolucionária: "Dai a Cesar o que é de Cesar e dai a Deus o que é de Deus" (Mc 12, 13-17).
- LEITOR 3: Quer dizer que ao Cesar não se pode dar nenhum poder divino. Divino, só Deus é que é. O Cesar é um homem como todo mundo nada mais. E até a moeda, quem a produz é o operário. Nem essa deve ser dada a Cesar: (Cesar: Rei, governo, patrão etc...).
- LEITOR 2: É assim, que vendo o comportamento de Jesus diante do poder de seu tempo, descobrimos que por diversas vezes Jesus denunciava a opressão exercida em cima do povo trabalhador e chegava a dizer: "Tenho pena dessa multidão ..." (Mc 6, 3-4) "E

lhes ensina coisas".

ANIMADOR: Para a nossa reflexão:

- 1 - Existem semelhanças entre a realidade da época de Jesus e a de hoje? Quais?
- 2 - Quem produz a riqueza da nação?
- 3 - Como está sendo repartida essa riqueza?
- 4 - Como deve ser repartida?



ANIMADOR: Para entendermos melhor o assunto do estudo de hoje, a missão da Igreja no mundo do trabalho, vamos procurar saber o que é Igreja.

LEITOR 1: Na minha comunidade cantamos um hino que diz: "Senhor, a Igreja somos nós ..."

LEITOR 2: O Concílio Vaticano II, chamou a Igreja de "Luz dos Povos".

LEITOR 3: Pode-se dizer ainda que a Igreja é o "Cristo prolongado". Isto quer dizer que a missão, o trabalho de Jesus passou, de sua morte e ressurreição, para a Igreja.

Jesus não veio libertar o homem do trabalho, mas libertar o trabalho humano daquilo que o impede de inserir-se na nova criação de liberdade dos filhos de Deus.

LEITOR 4: Daí se compreende porque Jesus foi um trabalhador, no pleno sentido da palavra. Trabalhador manual - filho do carpinteiro.

Desde que o mal entrou no coração dos homens, o trabalho perdeu seu sentido bonito e alegre. Tornou-se instrumento de opressão, de escravidão.

ANIMADOR: Não precisamos ir longe. Sabemos que no Brasil colonial, o trabalho era para os escravos. Havia, então, senhores e escravos.

LEITOR 1: No tempo de Jesus eram bem assim. O escravo é que trabalhava. S. Paulo na carta aos Filipenses descreve, claramente, a humilhação de Cristo na encarnação: aquele que "estava em condição de Deus" tomou a "condição de escravo", isto é,

a condição de trabalhador do tempo, o escravo; o contrário de Senhor em termos de dignidade.

LEITOR 2: Mas o trabalho de Jesus na carpintaria de Nazaré não parou aí. Evoluiu e caminhou pra frente. Depois de 30 anos, Jesus deixa seu trabalho manual e parte para o "trabalho" que o Pai lhe confiou.

LEITOR 3: O "trabalho" do Pai é o novo Reino que Jesus veio iniciar com sua vida, morte e ressurreição. É o Reino da Vida, da Verdade, da Justiça, do Amor e da Paz.

ANIMADOR: Então a vida de Cristo e, conseqüentemente, de cada pessoa, teria como que duas "gavetas"? Uma para o trabalho que se fecha depois de algum tempo, e a seguir se abre outra para a construção do Reino? ...

Leitor 4: Não. Não se trata de duas gavetas diversas, trabalho e construção do Reino. São duas dimensões do Plano de Deus, feitas uma para a outra. A construção do Reino será "conversa mole" ou "reza de beata" se não voltar-se para o trabalho; e o trabalho vai dar em exploração e confusão, como uma torre de Babel, se não voltar-se para a construção do Reino do Pai.

ANIMADOR: Nessas alturas de nossa conversa, o que podemos dizer a nós mesmos como membros da Igreja?

LEITOR 1: Que a missão da Igreja, e portanto nossa, não é libertar o homem do trabalho mas libertar o trabalho humano daquilo que o impede de inserir-se na nova criação de liberdade dos filhos de Deus.

- LEITOR 2: Para isso, a Igreja deve encarnar-se, como Cristo, no mundo do trabalho. Através de seus membros penetrar em todos os ramos da atividade humana, e iluminar o trabalho do ponto de vista de seu valor.
- LEITOR 3: Neste sentido, o apóstolo Paulo sentia-se envaidecido de trabalhar no seu ofício para ganhar o pão de cada dia: "Trabalhamos noite e dia, entre fadigas e privações, para não sermos pesados a nenhum de vós". E ainda: "Se alguém não quer trabalhar, abstenha-se também de comer".
- LEITOR 4: E na ordem moral, é missão da Igreja voltar-se para a construção do Reino, no mundo do trabalho.
- LEITOR 1: Seria através da luta por uma vida mais digna: "Eu vim para que todos tenham vida, e vida em abundância".
- LEITOR 2: Seria através da luta pela justiça numa sociedade injusta e opressora. A luta pela justiça é, hoje, o grande campo das batalhas da Igreja.
- LEITOR 3: Será através da luta pela verdade num mundo de mentiras, falsidade e peleguismos. "A verdade vos libertará". Para isso se exige autenticidade. Um trabalhador honesto - bom profissional e uma Igreja autêntica - encarnada na realidade do pobre e oprimido, serão força profética, verdade libertadora, construtores do Novo Reino.
- LEITOR 4: O papa João Paulo II na carta sobre o trabalho diz: É preciso que se realize a justiça social ... é preciso que haja sempre novos movimentos de solidariedade dos homens de trabalho ... onde existe a degradação social, exploração dos trabalhadores, a miséria humana e a fome. "A Igreja

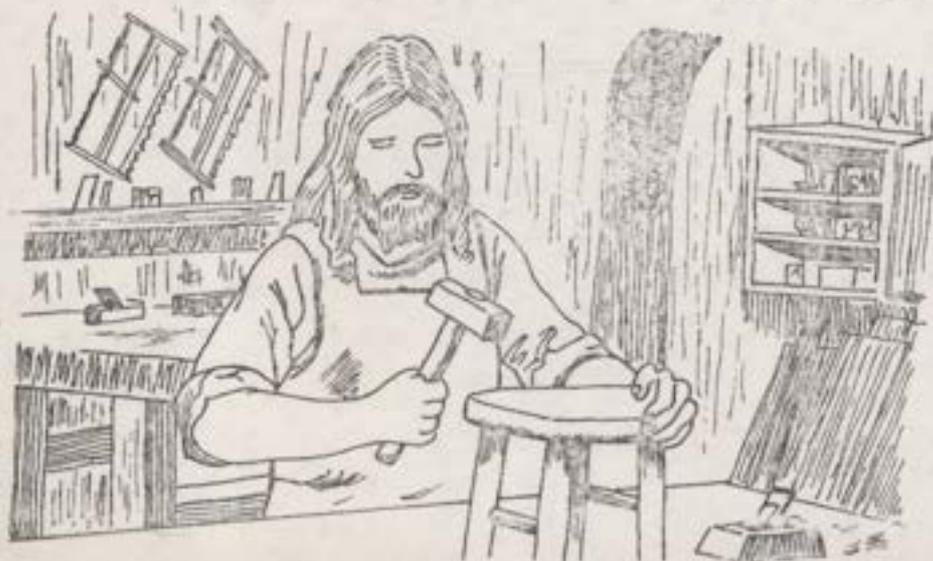
ra como sua missão, seu serviço e como uma comprovação da sua fidelidade a Cristo, para assim ser verdadeiramente "a Igreja dos pobres". Só assim será Igreja de Jesus. (L.E. nº 18).

LEITOR 1: A Igreja deve reconhecer-se no dinamismo libertador da classe operária. Ela deve impulsionar e fomentar este dinamismo por seu serviço desinteressado e constante à classe operária que tem de lutar sempre e organizar-se cada vez melhor em busca do seu objetivo-base, a sua libertação integral.

LEITOR 2: A Igreja tem a missão de revelar à classe operária que tanto o ponto de partida quanto o ponto de chegada de seu dinamismo libertador é Jesus Cristo, o Filho de Deus, sempre presente na história da libertação dos oprimidos (classe operária, camponesa, etc ...)

ANIMADOR: Para nossa reflexão:

- 1 - Porque Jesus assumiu a condição de trabalhador?
- 2 - A Igreja é a seguidora da missão de Cristo no mundo do trabalho. Quais os passos que a Igreja deu ou não, nesta missão?
- 3 - Igreja descomprometida com a luta operária - com os pobres, os trabalhadores, pode dizer que é de Jesus?



- ANIMADOR: Somos filhos de Deus "de criação" por causa de Cristo. Na medida em que, como Cristo, nos comprometemos com as lutas dos homens, suas angústias, seus sofrimentos, suas esperanças e suas alegrias (GS), estaremos criando em nós e na própria história, o ESPAÇO DE NOSSO RELACIONAMENTO COM O PAI e o ESPAÇO DE FRATERNIDADE HUMANA COM NOSSOS COMPANHEIROS. Aí podemos dizer que somos cristãos.
- LEITOR 1: Sabemos que estamos vivendo dentro de uma sociedade de dominadores e de dominados, que tenta de todos os modos oprimir os mais fracos, os trabalhadores.
- LEITOR 2: O operário cristão, dentro dessa sociedade, é aquele que liga o Evangelho de Jesus com a vida e luta operária, lá onde de todos os companheiros lutam pela subsistência e os ajuda a descobrir a Fé dentro da luta dos oprimidos.
- LEITOR 3: Isso não significa colocar artificialmente trechos bíblicos no fim de todas as reuniões, mas significa que devemos fundamentar nossa luta pela justiça no mundo do trabalho, reforçar nossa solidariedade no local de moradia, tomar parte nas decisões da política em ligação permanente com a nossa Fé e por causa de nossa Fé.
- LEITOR 4: E atinge maior plenitude a ação do operário cristão, quando, com seus companheiros CELEBRA a vida da fábrica, a sua luta sindical e o avanço político popular.
- LEITOR 5: São Paulo diz: "Cristão é aquele que age conforme o Espírito de Jesus Cristo". E Jesus define sua ação e a ação do operário cristão no Evangelho de Lucas: 4, 18-22: "O Espírito do Senhor está sobre mim. Ele me escolheu para a

nunciar as BOAS NOTÍCIAS aos pobres e me mandou anunciar a liberdade aos presos, dar vista aos cegos, pôr em liberdade os que estão sendo maltratados, e anunciar o ano em que o Senhor vai Libertar o seu Povo".

LEITOR 6: A Igreja, principalmente aquela vivida pelos primeiros cristãos nos diz que assumir essa missão de cristãos, como Jesus é assumir o compromisso da partilha: "Os cristãos tinham tudo em comum e não havia necessitados entre eles". (At.2, 42-47).

LEITOR 7: Não dá mais para ser cristão e aceitar a situação de opressão que pesa em cima dos operários. O Papa Paulo VI dizia "São necessárias mudanças audaciosas e profundamente inovadoras" (PP.32). E dizia ainda: "Não é lícito que uns poucos se enriqueçam sempre mais às custas de um empobrecimento cada vez maior das maiorias humanas".

LEITOR 8: Ser um operário cristão, hoje, é assumir as diretrizes e linhas de nossa Igreja que de Medellin para cá, com maior clareza, faz sua opção: - pelo povo
- pelos pobres
- pelas CEBs como lugar privilegiado de evangelização
- pela teologia da libertação.

LEITOR 9: Ser um operário cristão, não é ser "pata cega", mas estar atento à realidade, enfrentando os desafios da mesma.

TOTALITARISMO: - do lucro (= capitalismo)
- da autoridade (= ditadura)
- da ordem (= segurança nacional)
- da força (= militarismo)
- do eclesiástico (= cúrias)

COLONIALISMO: - Interno e externo das multinacionais exercendo a dominação de um povo sobre outro.

CAPITALISMO: - Fatalmente materialista, negando um Deus capaz de partilhar com justiça a Terra, o Pão e todos os bens de produção, negando, assim a igualdade entre os mesmos filhos de um só Pai, Deus. Envenena tudo, impondo a idéia de lucro onipotente e explorador em todos os ambientes humanos.

MARXISMO: - Que apesar de trazer um bom instrumento de análise crítica da realidade, nega qualquer outra filosofia e a própria teologia, tornando-se totalitário também.

LEITOR 10: Enfim, ser operário cristão é fazer frente a uma sociedade onde a ESPERANÇA EVANGÉLICA TEMPORAL E ESCATOLÓGICA está quase ausente.

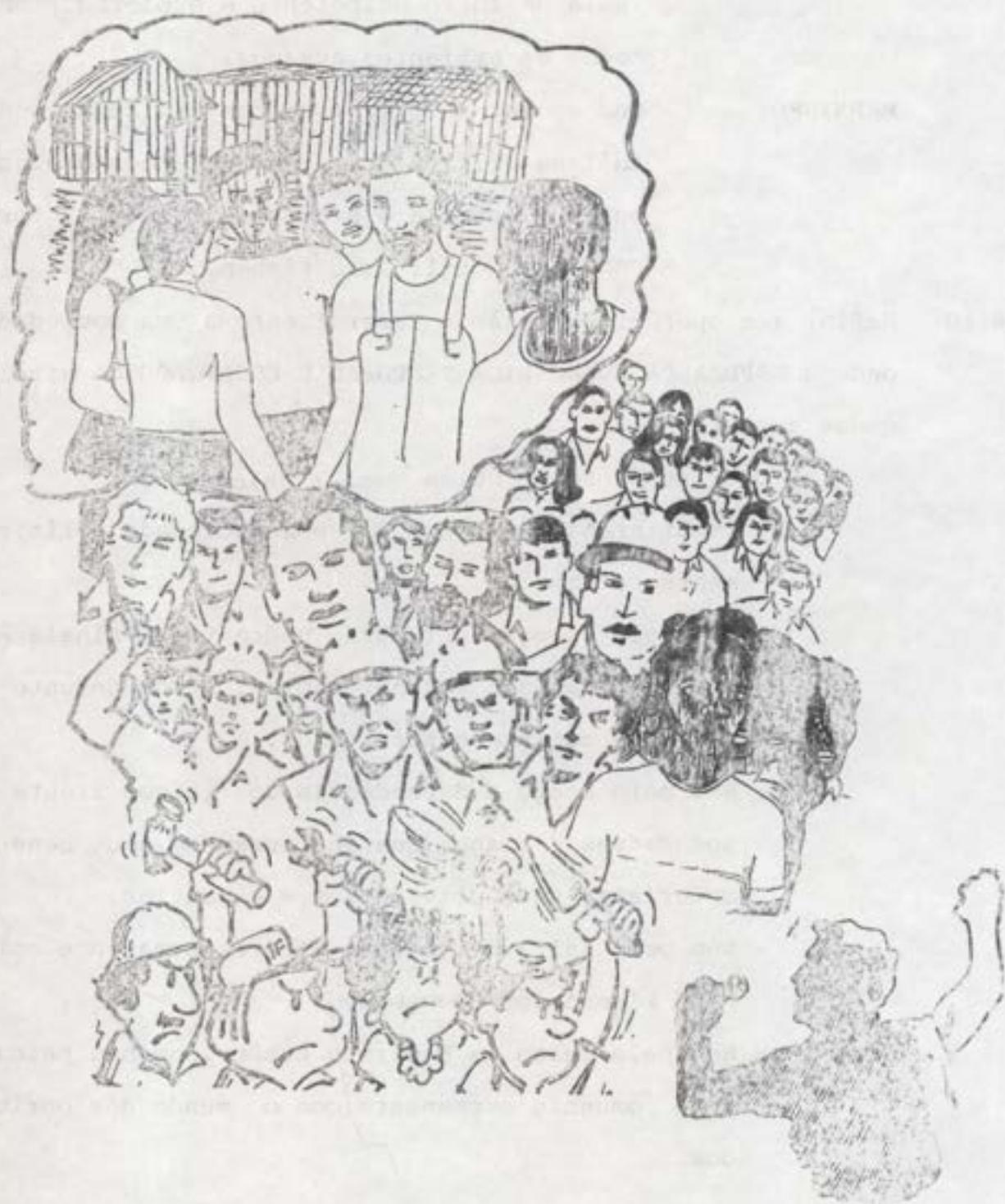
O cristão não se deixa cansar pelos:

- imediatismos exigidos por uma sociedade politicamente corrompida.
- Nem pela Igreja estrutura, pedra fria, alheia à realidade aliada aos opressores. "Com defunto ruim não adianta gastar vela".
- Nem pelo apego e dependência dos leigos frente aos padres e bispos que só pensam em seus bens materiais, seus privilégios e garantias.
- Nem pela falta de contato vivo e permanente com Deus Libertador de seu povo.
- Nem pela falta de Espírito autenticamente pascal e de comunhão permanente com o mundo dos oprimidos.

ANIMADOR: Para a nossa reflexão:

1 - "A Fé sem obras é morta". "O operário que não assume nenhuma luta com seus companheiros, não é cristão". Concorde? Discorda? Por que?

2 - É possível ser cristão e ao mesmo tempo ser capitalista, totalitarista, colonialista, comunista, cansado e dependente?



Cristão é aquele que tem um coração sensível à dor dos irmãos e pode dizer na prática de sua vida, como Jesus: "Tenho compaixão desta gente que se parece com rebanho sem pastor" (Mc 6,34). São muitos os lobos que atacam, dispersam, machucam e levam à morte o povo de hoje. De muitos modos chegam, não pedem licença e invadem, despejam, compram a justiça, torturam, condenam e matam.

O operário cristão se faz solidário com as angústias, os sofrimentos, as alegrias e esperanças de seus vizinhos e de seus companheiros de trabalho, da grande família de seu bairro. Não basta apenas sentir. Lágrima de crocodilo não salva ninguém.

Cristo nos coloca hoje com muita clareza: "Eu vim para que todos tenham vida, vida em abundância" (Jo 10,10). No entanto tudo isso nos é roubado, dia a dia, nos vão colocando à margem da vida, por um sistema capitalista que domina e oprime. Vamos agora olhar para o outro lado da nossa realidade, do bairro, cidade, etc... Famílias sendo despejadas de suas casas (desempregados). Crianças mal nutridas, sentindo a falta de um quintal decente, que ela tanto merece.

Frente a todos esses problemas que nos envolvem, devemos partir para uma solidariedade prática e com plenitude.

Diante de toda essa realidade é importante a criação de movimentos de bairros, a organização de moradores para reivindicar os direitos comuns a todos os moradores do bairro, a criação da associação de bairros, objetiva ao melhoramento nas condições básicas de moradia com água, iluminação pública, escolas, creches, ambulatórios, higiene, etc.

Dando ênfase à união de todos os trabalhadores, porque dessa união é que depende a solidariedade e a conquista de seus direitos para que haja melhores condições de moradia, de saúde, etc.

É importante a gente saber que a arma mais poderosa que existe, é a classe trabalhadora unida e organizada, sendo assim solidária

de todos os modos em busca de uma transformação social e política. Diante dessa solidariedade irá acontecer o plano do pai. Cristo hoje nos coloca: "Eu sou o tronco da vida, vocês são os ramos; se os ramos não permanecerem unidos ao tronco, morrem. Se permanecerem em mim produzirão muito fruto" (Jo 15, 5).

A verdadeira solidariedade desperta a união e a organização do povo em busca de melhores condições de vida e novas relações onde existe lugar especial para a real fraternidade, igualdade, justiça e paz.



ANIMADOR: Para a nossa reflexão:

1- Será que muitas vezes não somos os que caem da árvore , quando há uma luta em nosso bairro?

2- O que você entende sobre solidariedade no local de moradia?

3- Já existe em seu bairro uma associação de moradores?

O que podemos fazer?

ANIMADOR: O que a gente estuda nos livros da escola, não diz toda a verdade, muitas vezes os livros da escola escondem coisas importantes, e contam a história conforme a opinião dos portugueses, dos brancos, dos ricos, dos poderosos, desvalorizando as coisas, o trabalho e as lutas dos índios, dos negros escravos, dos pobres, dos explorados, dos camponeses, dos operários, enfim do povo brasileiro.

LEITOR 1: Durante 350 anos não havia classe operária no Brasil, porém sempre teve trabalhadores, e os portugueses precisavam deles para cultivar as terras, que foram roubadas dos índios, escravizando os índios e os negros africanos.

Com isso os ricos ficam mais ricos, e os pobres perdem o que têm. Com a crise econômica já existente, e a mudança do governo português para o Brasil, as coisas não melhoraram, porém começaram a aparecer pequenas fábricas. Com isso a semente da classe operária cresce pouco a pouco. Por volta de 1.825 até 1.849 houve revoltas em todo o Brasil: (Ex.: A Cabanada, em Belém do Pará - Balaiada, no Maranhão - Praeira, em Pernambuco) protestando contra todo o tipo de opressão.

LEITOR 2: Em 1.850 por vontade da Inglaterra, (que se infiltrou aqui) foi proibido o comércio de escravos africanos, com isso começa a sobrar dinheiro no Brasil, e crescem as indústrias, assim nasce e começa a crescer a classe operária.

Porém não tinham leis trabalhistas, nem indenizações. Trabalhavam o pai, a mãe e filhos, (chamando-se classe proletária). Se um adoecia era substituído, porque só contava a força do trabalho. No começo do século passado, os operários começaram a se unir e lutar, porque não tinham

proteção, garantia por acidentes, doenças, velhice, aposentadoria, assistência médica, nem horário de trabalho. E assim vão surgindo associações, jornais operários, etc.

LEITOR 3: Até 1888 quando se deu a abolição da escravatura, houve várias greves, mostrando um caminho que se desenvolveu muito.

Lembramos que já naquela época havia uma organização mundial dos trabalhadores, que culminou, com a greve, de 1º de maio de 1886, em Chicago, onde foram enforcados 6 companheiros. Este crime tornou-se símbolo dessas lutas e direitos, no mundo todo no dia 1º de maio.

LEITOR 4: Após a abolição da escravatura, o Brasil passa por grandes mudanças, aparecem ricos fazendeiros, comerciantes e capitalistas estrangeiros com dinheiro de sobra, com muito capital querendo ter mais lucros, surgem vários tipos de indústrias, onde os trabalhadores vendiam sua mão de obra. É uma classe operária nascendo em condições sub-humanas.

Com isso o capitalismo toma conta de tudo, começando a emigração da mão de obra européia; os patrões resolviam tudo por conta de acordo com seus interesses, o que, como, e quanto deveriam produzir, e o Brasil passa a depender economicamente da Europa e Estados Unidos, até hoje.

LEITOR 5: Com o crescimento de indústrias, cresce também a classe operária. De 1900 a 1920 de 55.000 operários, passou a 275.000.

Em São Paulo 90% eram estrangeiros, em 1912 na indústria têxtil de São Paulo 67% eram mulheres, em 1919 50% dos operários de fábricas tinham menos de dezoito anos, isto por causa do baixo salário.

Com as fábricas em instalações precárias, sem instalação sanitária, trabalhavam 12 horas por dia, sofriam péssimas condições de saúde. Daí os operários começaram a re-

sistir ao capitalismo, a pressionar os burgueses e o governo e exigir mudanças, começaram a fundar os sindicatos, federações de sindicatos e confederação nacional, para articulação do movimento, e manter a unidade nas reivindicações.

Faziam manifestações em comícios e passeatas, organizavam greves quando a mudança devia ser imediata.

LEITOR 6: Em 1906 realizou-se o 1º congresso operário em nível nacional. Os quase 30 anos de lutas teve uma grande vitória pois o governo e os capitalistas temendo a organização operária, e vendo que com a polícia não teriam mais condições de reprimir estas organizações, criaram a legislação trabalhista. A classe operária só a si mesma deve aquilo que até hoje conseguiu.



LEITOR 7 : Após as grandes greves de 1917 a 1919, com a grande repressão policial a maioria dos líderes foi preso, os estrangeiros expulsos e ameaça de desemprego. Mesmo com tudo isto a organização continua e o governo inicia uma legislação social.

Em 1919 a lei: proteção aos acidentados no trabalho, em seguida aposentadoria, férias, proibindo o trabalho a menores de 14 anos, e outras.

Nos anos de 1930 até 1932 houve uma nova onda de greves, o que veio apressar o governo a criar quase todas as leis que conhecemos hoje.

LEITOR 8: Mas algumas leis sociais não bastam, é preciso unir a classe operária e exigir o cumprimento delas, e isso acontecia no dia a dia.

Agora o governo quer os sindicatos do seu lado. Em vez de mandar a polícia fechar, manda proteger os sindicatos, atrelando os mesmos ao Ministério do Trabalho. Só que a lei dizia que os sindicatos deviam ser livres.

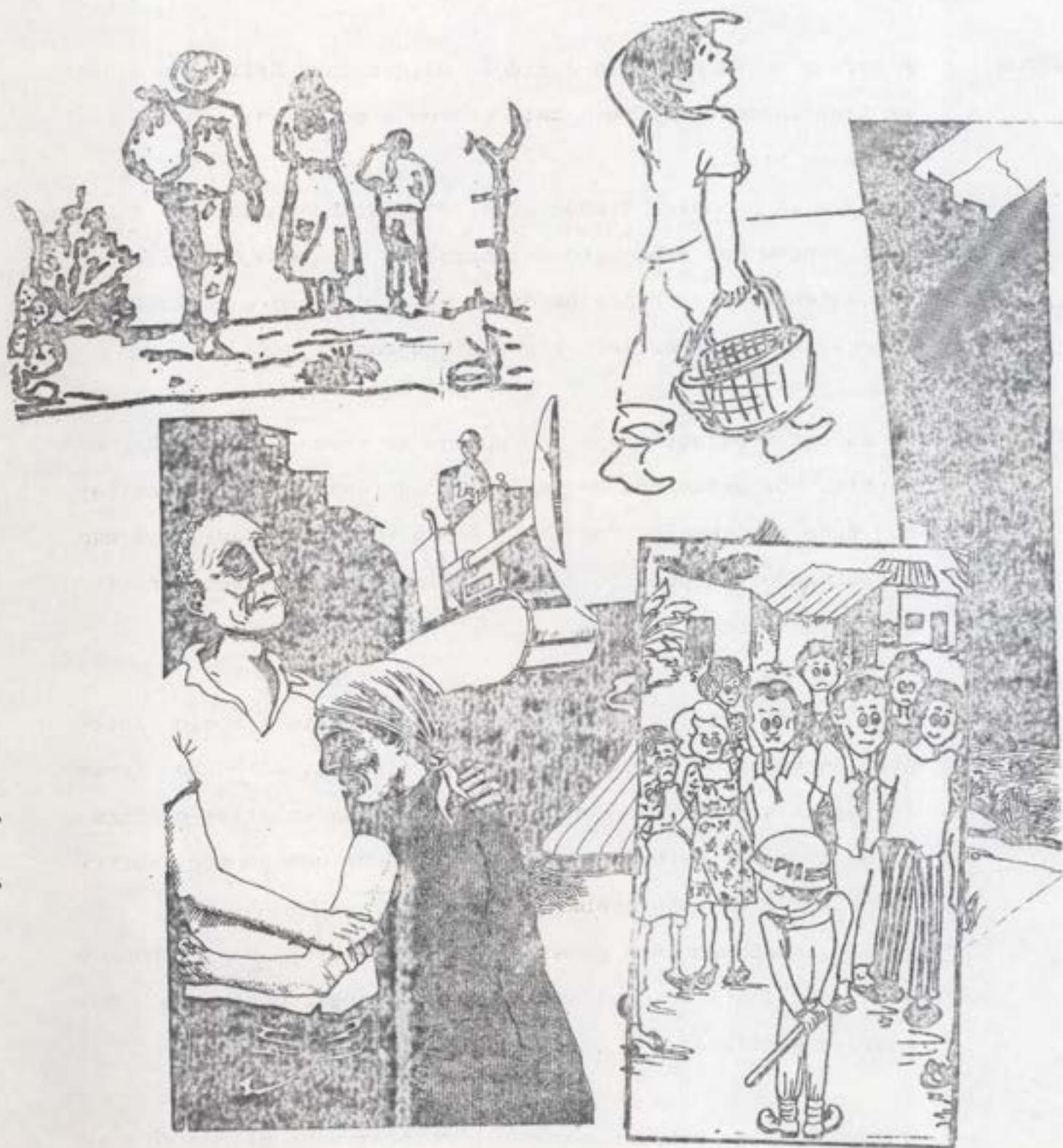
LEITOR 9: Em 10 de novembro de 1937 Getúlio declarou-se ditador, fechou o Congresso Nacional, suspendeu a constituição de 34, e com isso desaparece também a lei que permite a liberdade sindical, porque o governo dizia, sindicato sim, movimento operário não, porque dizia. Getúlio, só a nação é que importa, e cada classe devia ter seu esforço; na prática, a colaboração seria para os patrões, e com isso crescia a indústria capitalista, a custa dos trabalhadores. Com a derrubada de Getúlio termina ali o que se pode chamar de período de controle total dos sindicatos, e surge uma nova situação e se inicia uma nova fase para o movimento operário.

ANIMADOR : Como vemos nenhum tipo de dificuldade ou perseguição conseguia acabar com o movimento operário, qualquer brecha de liberdade, logo renascia o movimento operário.

Percebe-se que nada foi dado de graça ao trabalhador, mas foi conquistado pela luta e coragem da própria classe operária.

Para nossa reflexão:

- 1- É importante conhecer a nossa História?
- 2- O que você achou de importante?
- 3- Getúlio é o pai dos pobres?
- 4- Quem faz a História da classe operária? Como?



FICHA 12 - A REALIDADE DO OPERÁRIO A PARTIR DE 64

ANIMADOR : Nós trabalhadores do campo e da cidade tínhamos o governo e os Sindicatos como nossos protetores. Embora atrelado ao governo nós trabalhadores não percebíamos, porque o começo da história do trabalhador foi uma terrível escravidão, principalmente no Brasil.

LEITOR 1 : A partir de 64 com a implantação da ditadura Militar a classe trabalhadora sofreu o mais profundo golpe em toda sua história no Brasil.

A primeira grande arma, do sistema instalado, foi a intervenção nos sindicatos, a prisão e expulsão de lideranças autênticas de trabalhadores. Daí o governo e os patrões' começaram a usar as leis repressivas contra nós.

LEITOR 2 : Em 65 cai a estabilidade de emprego em troca do Fundo de Garantia. Nós estávamos desunidos e desorganizados, e aceitamos tudo sem reação. Mas por trás de tudo isto havia, já bem estruturado, um projeto do capitalismo estrangeiro e nacional aliado aos Militares.

LEITOR 1 : Para por em prática este plano era necessário o apoio integral de todos os setores das forças armadas. Aí então foram feitas as grandes promoções a elevação dos salários e entrega de medalhas de honra, méritos, selados com sangue, mortes e a miséria do povo trabalhador.

Criaram leis de execução como, em 1968, o chamado AI-5 (Ato Institucional nº5) e para garantir o governo dos patrões e militares a Lei de Segurança Nacional.

LEITOR 3 : O governo e os patrões começam a colocar seus planos de explo

ração que é o seguinte:

- Arrocho salarial , ou seja, mão de obra barata;
- Aumento cada vez maior da produção;
- Grandes lucros para os patrões estrangeiros e nacionais e facilidades para as multinacionais se instalarem no país;
- Juros altos, inflação, valorização do dólar (moeda usada pelos capitalistas);
- Crescimento da dívida externa causando grande prejuízo para o Brasil e mais ainda para os trabalhadores;
- Com arrocho salarial toda família é obrigada a trabalhar, inclusive as mulheres.

LEITOR 2 : - Com lucro exorbitante as multinacionais e o capitalismo se apoderam das terras;

- Aí se criou o clima de conflitos de terras e expulsão dos posseiros que vieram tocados para a cidade. Com isto a grande procura de emprego e facilidade para os patrões colocarem em prática o plano de rotatividade, mandando embora os operários quando quer e não sofre prejuízo, porque ele admite outros com salário mais baixo.

LEITOR 1 : - A ampliação de uma rede de televisão em todo território nacional e a modernização dos meios de comunicação também faz parte do plano para doutrinar o povo a aceitar os detentores do poder que são os militares.

LEITOR 3 : Diante deste quadro , nós operários Cristãos, do campo e da cidade começamos a ver as coisas diferentes, vimos no rosto magro e desfigurado do companheiro causado pela opressão do sistema, um irmão carente de apoio e diálogo. Daí então nascem as lutas pelas terras, pela moradia (casa própria), enfim pela justiça , no mundo do trabalho.

LEITOR 2 : Vendo toda esta injustiça a Igreja volta a ouvir os clamores do povo oprimido. Dando espaço e apoio às suas lutas a partir de "Medellin" e "Puebla" e através da C.N.B.B. despertadas pelas comunidades eclesiais de base, fazendo estudo da realidade em que vivem os trabalhadores criando entidades e meios pastorais como: Pastoral Operária, Pastoral da Terra, Pastoral dos Mangues, Centro de Defesa dos Direitos Humanos, Comissão de Justiça e Paz, Associação de Bairros e Grupos de Reflexões, no sentido de dar uma visão real da sociedade injusta imposta pelo regime e uma proposta do operário cristão de uma sociedade nova e igualitária.

LEITOR 1 : Por meio destes instrumentos de lutas nós trabalhadores tivemos algumas vitórias importantes como exemplo: em Santa Catarina a desapropriação da fazenda Burro Branco e tantas outras pelo Brasil a fora.

ANIMADOR : A maior conquista foi a organização conjunta do trabalhador da cidade e do trabalhador do campo. Iluminados pela palavra de Deus através de Jesus Cristo, juntos somamos maior força para lutar contra o sistema e construirmos uma sociedade sem explorados e sem exploradores. Onde o ser humano seja o mais importante, que seria o começo do reino de Deus aqui na terra.

Para nossa reflexão:

- 1- Você acredita que todos estão contentes com os planos do Governo?
- 2- O que procuram sobretudo os capitalistas no campo? e nas cidades?
- 3- Conhece vitórias dos trabalhadores na luta contra a opressão? Conte alguma.
- 4- O que você pensa dos que querem mudar a situação dos operários?

FICHA 13 - FORMAÇÃO SINDICAL

O avanço do Movimento Operário em nosso país tem encontrado certas barreiras impostas pelo sistema capitalista, pela extrema exploração dos trabalhadores, pela estrutura sindical atrelada, pela repressão policial e pela manutenção forçada da classe operária fora do alcance das informações e dados que lhe são necessários para a formação de uma verdadeira consciência de classe.

A esmagadora maioria de nossos trabalhadores pouco sabe de seus direitos mínimos; pouco conhece da estrutura capitalista dominante e da estrutura sindical que nos tolhe, e perdeu a memória de tantas lutas que a classe operária já travou ao longo de sua história no Brasil.

SINDICATO

Quando nasceu a indústria no século passado, os operários' eram verdadeiros escravos. Eram tratados como animais, até crianças de 4 a 5 anos eram obrigadas a trabalhar. Aos poucos, os operários foram percebendo que só iam dar um jeito na vida se todos se unissem e lutassem. Depois de muita luta, muitas mortes e perseguições os trabalhadores conseguiram fundar os sindicatos.



Os sindicatos nasceram, portanto, da luta e do sangue de muitos trabalhadores, nasceram para defender os interesses dos trabalhadores. É importante dizer para todo mundo que o sindicato é uma conquista dos trabalhadores e não foi presente de nenhum patrão ou governo. Aqui no Brasil e em alguns outros países vizinhos, os governos perceberam a força que tinha o sindicato na mão dos trabalhadores. Por isso eles fizeram umas leis que "amarraram" o sindicato no governo. Não dá pro sindicato fazer nada para os trabalhadores que o governo tá em cima. O governo caça as diretorias combativas, prende os líderes e põe de diretoria quem não é trabalhador ou é "vendido" pros patrões e governo.

Com isso a gente deve desanimar? Parece que não. Temos de lutar prá tirar essas diretorias que não defendem os trabalhadores, e lutar, principalmente, para que os trabalhadores mandem mais no sindicato, sem a influência do governo e dos patrões. Os trabalhadores têm o direito de se organizar livremente e do seu jeito.

- Você conhece alguma Lei que amarra o sindicato ao Governo?
- E conhece algum Sindicato que luta pelos Trabalhadores?
- Quais as lutas que realmente o sindicato deve assumir?
- Como a gente deve fazer para que o Governo não mande mais no Sindicato?



FICHA 14 - SINDICALISMO

Os sindicatos são o instrumento de luta dos trabalhadores. Apesar das leis com as quais o governo e os patrões querem impedir a ação dos sindicatos, os trabalhadores encontram nos sindicatos o caminho das suas lutas.

Os trabalhadores independentemente de suas convicções religiosas, políticas ou ideológicas, deve participar nos sindicatos na luta contra a exploração e por melhores condições de vida.

O sindicato não é um partido, mas deve lutar pelos direitos políticos sociais e econômicos e pela organização dos trabalhadores.

Os trabalhadores têm o direito de se organizar do jeito que melhor acharem, foramr a CUT (Central Única dos Trabalhadores) e lutar juntos .

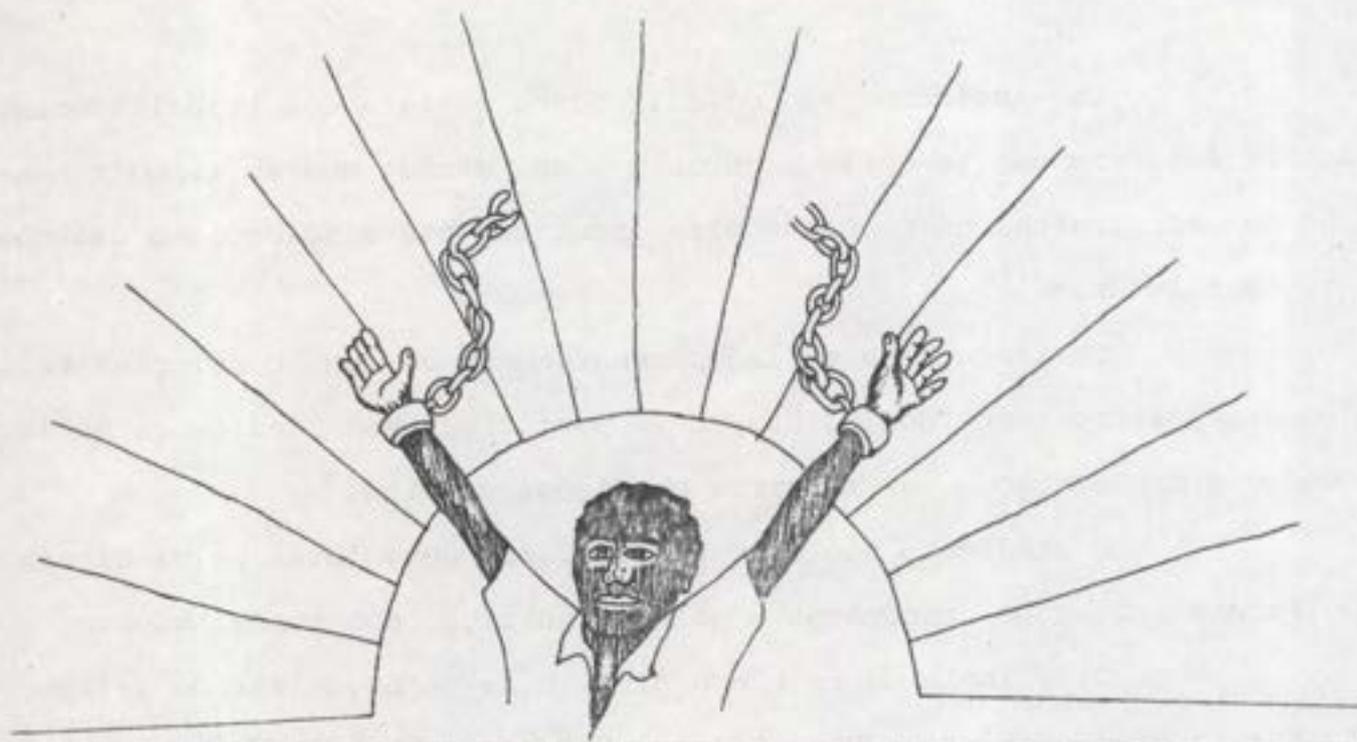
O Estado não pode intervir nos sindicatos ,cassar mandatos, fechar entidades ou manter qualquer controle sobre sindicatos.

Todos os trabalhadores, inclusive os funcionários públicos devem ter o direito de participar dos seus sindicatos. São os trabalhadores que devem fazer o estatuto do sindicato, participar das eleições sindicais, decidir a maneira e os prazos das eleições, fazer o programa e tomar decisões, formar a CUT e também participar do movimento sindical intersindical.

O sindicato deve poder se organizar nos locais de trabalho, fazer sua propaganda e reuniões dentro da empresa, ter delegados de fábricas e comissões de empresa cujos componentes deverão ter tempo para agir em nome do sindicato e ter garantia de estabilidade no emprego.

A CIPA também deve ser eleita com a participação dos sindicatos.

Os sindicatos devem ser mantidos através da cotização dos trabalhadores. Os fundos dos sindicatos devem ser patrimônio dos trabalhadores. Os sindicatos devem administrar esses fundos sem qualquer controle do Estado ou dos patrões. Enquanto existir o Imposto Sindical, devemos exigir que os 20% que vão para o Ministério do Trabalho, seja rever-



tido em favor dos trabalhadores.

Devemos rejeitar a maneira de criar os sindicatos, pois ser ve para dividir categorias e trabalhadores. Devemos formar uma comissão pró-CUT para preparar o Congresso de agosto de 82, para caminhar rumo à unidade de todos os trabalhadores.

- O que você acha importante mudar nos sindicatos?
- Como você faria para mudar tudo isso?
- É importante mudar, por que?
- Por que os sindicatos são atrelado ao governo?

FICHA 15 - ELEIÇÕES SINDICAIS

É quando os companheiros sindicalizados, quer dizer, os que pagam mensalidade, elegem a diretoria do Sindicato da categoria,

Todo Sindicato tem eleição pra nova diretoria de três em três anos, mas as eleições não são na mesma época, cada uma tem uma data. Só quem é sindicalizado há seis meses e está com as mensalidades em dia é que pode votar.

- Todo mundo aqui é sindicalizado ? Por que?

- É importante poder votar numa eleição sindical? Por que?

CHAPAS

Numa eleição pode haver chapa única, duas ou mais chapas. Para formar uma chapa pra concorrer nas eleições são necessários no mínimo 12 companheiros e no máximo, 24. É bom sempre haver mais que 12 pessoas, porque dá pra substituir. Se for só 12, a chapa fica anulada se alguém desistir.

REGISTROS DAS CHAPAS

Um pouco menos de quatro meses das eleições, sai publicado num jornal da cidade, e é colocado também na sede do Sindicato, um edital convocando as eleições, avisando os dias da votação e dando o prazo de 20 dias para serem registradas as chapas que vão concorrer às eleições.

Pode entrar na chapa para concorrer somente quem for maior de idade, que não seja analfabeto, que tenha dois anos de categoria (pode ser em firmas diferentes). Ainda ser há seis meses sócio do Sindicato.

- Você conhece alguém que já participou de eleições sindicais?

- Você sabe qual é a época em que há eleições no seu Sindicato?

FICHA 16 - OPOSIÇÃO SINDICAL

Quando a diretoria de um sindicato for pelegada, isto é , for mais do lado do patrão do que do nosso, os companheiros mais consci^{en}tes e combativos devem tentar derrubar e colocar uma diretoria melhor no lugar.

Lutar contra o jeito que o sindicato está aqui no Brasil é lutar contra a diretoria pelega e fazer a verdadeira oposição sindical. Por causa disso, há muitos problemas a enfrentar. Em 1º lugar, a direto^{ri}a que está no sindicato, quando é pelega, quando não luta pra defen^{de}r os interesses da classe, não se arrisca e não trabalha, esses diri^{gen}tes não querem perder a boa vida e voltar pra fábrica de jeito neⁿhum.

Por isso vão fazer de tudo pra não perder pra chapa de opo^{si}ção sindical. Vão ameaçar, fazer manobras, fraudes, etc. Em 2º lugar pros patrões não é nenhum pouco interessante ter gente combativa no sin^dicato, por isso eles vão pressionar muito. Se desconfiarem que tem gen^{te} tentando montar chapa de oposição vão despedir. Se o pessoal consegue registrar a chapa, não dá mais pra despedir, mas daí a pressão vai ser pra desistir da chapa. Na época das eleições vai haver pressão em cima dos trabalhadores pra não votar na oposição e assim por diante. Em 3º lugar, pro governo também não é bom ter sindicatos combativos, que reclamem da política salarial do governo, do custo de vida. Por isso, ele também vai dificultar no que for possível a oposição sindical. Falar de tantos problemas até parece que é pra desistir mas não é não.

- Diante disto, o que devemos fazer?
- Quais os tipos de pessoas que convidaríamos para partici^{par} de uma chapa no sindicato?

O que nós temos que saber é que tomar o sindicato é tarefa difícil, precisa de muita união, confiança entre os companheiros e dis-

posição.

- O que vocês acham disso?
- A oposição sindical tem chance contra tantos inimigos?
- O sindicato de vocês é pelego ou não?
- Existe algum trabalho de oposição na sua categoria?



FICHA 17 - CAMPANHA SALARIAL

Companheiro,

Este material quer ser apenas um iniciador de papo. São pequenas explicações sobre assuntos de interesse de todos os trabalhadores.

As perguntas que são feitas é só pra abrir a conversa. O importante é que todos os companheiros possam falar de seus problemas, de suas esperanças, e que, todos juntos possamos encontrar formas de transformar este mundo no REINO DE DEUS, um reino de justiça, igualdade e fraternidade.

CAMPANHA SALARIAL

Os trabalhadores estão divididos em categorias profissionais. Por exemplo: existe a categoria dos metalúrgicos, dos comerciários, dos químicos, dos têxteis, dos trabalhadores rurais, etc.

- Todo mundo que está aqui sabe qual é a sua categoria?

Pois, todo ano, cada uma destas categorias discute com os seus patrões para tentar conseguir melhores salários, melhores condições de trabalho, estabilidade no emprego. Isto se chama Campanha Salarial.

É a época do ano em que os trabalhadores de uma categoria, junto com o seu sindicato, tentam conseguir melhorias.

- Alguém daqui já participou de uma Campanha Salarial?

Conte como foi.

Durante a época da Campanha Salarial todos os trabalhadores devem estar atentos, participar. Devem comparecer nas assembléias que o

sindicato convocar. Dar opiniões. Sugerir quais as melhorias necessárias na sua fábrica. Devem incentivar os companheiros para participar. Se o sindicato for mais do lado do patrão do que dos trabalhadores, os companheiros devem pressionar a diretoria para que defendam os nossos interesses. Estar em cima, não deixar eles se venderem. E o mais importante é descobrir maneiras de fazer tudo isso sem dar muito na vista prá não ser despedido.

- A diretoria do seu sindicato está do lado de quem?
- A diretoria do seu sindicato promove boas Campanhas Salariais?

DATA-BASE

É o dia em que cada categoria, depois de negociar com os patrões, devem assinar um ACORDO COLETIVO DE TRABALHO. É o fim da Campanha Salarial. Cada categoria tem uma data-base, pois os patrões sabem que se os trabalhadores tivessem a mesma data-base, seriam mais fortes e unidos por isso os separam em categorias e cada categoria tem uma época diferente de Campanha Salarial e Data-Base.

NEGOCIAÇÃO

É o momento em que os representantes dos trabalhadores de uma categoria (sindicato, comissão de salário) sentam na mesa com os patrões, para discutir o ACORDO COLETIVO DE TRABALHO.

ACORDO COLETIVO DE TRABALHO

É assinado entre o sindicato dos trabalhadores e o sindicato dos patrões, na data-base, ao fim das negociações da campanha salarial.

Neste acordo fica acertada a porcentagem do aumento, as condições de trabalho, as condições de segurança no trabalho, estabilidade, insalubridade, horários, refeitórios, e muitas outras coisas. Este acordo tem valor por um ano, até a próxima campanha salarial.

- Você sabe alguma das garantias do acordo coletivo de trabalho de sua categoria?
- Você sabe qual o reajuste que sua categoria conseguiu na última Campanha Salarial?
- Este acordo coletivo de Trabalho favorece o trabalhador ou não? Por que ?

DISSÍDIO COLETIVO

Quando os trabalhadores e os patrões não conseguem se acertar durante as negociações e não assinam o ACORDO COLETIVO na data-base, aí se instaura o DISSÍDIO COLETIVO. Parece palavrão, mas é fácil de entender. Como não houve acordo, ou os trabalhadores ou os patrões apelam para o Tribunal Regional do Trabalho. Aí o Tribunal é quem vai decidir o acordo coletivo de trabalho da categoria, isto é o dissídio, conforme as leis.

- Para os trabalhadores o dissídio é uma coisa boa?
- As Leis que estão aí, favorecem mais os trabalhadores ou os patrões? Por que ?

COMISSÃO DE SALÁRIO

É um grupo de companheiros de diversas fábricas de uma categoria que ajudam a montar a lista das reivindicações, isto é, aquelas

coisas todas que vamos exigir dos patrões durante negociações. A comissão de salário participa junto com o sindicato nas discussões com os patrões. Quando a diretoria do sindicato é combativa, defende nossos interesses, ela procura formar uma boa comissão de salário. A comissão de salário para poder ser bem combativa, precisa conseguir, junto com toda a categoria, a estabilidade no emprego, senão os companheiros são demitidos. Estabilidade por um ano para a comissão de salário é uma reivindicação muito importante. Os metalúrgicos de Porto Alegre conseguiram isso.



FICHA 18 - PRINCIPAIS REIVINDICAÇÕES

No nosso trabalho as necessidades são muitas. Cada fábrica tem, certamente, uma lista bem grande de problemas pra resolver. Aqui são vamos falar das principais reivindicações da campanha salarial, porque atingem o interesse de todo mundo e porque, se nós conseguirmos conquistá-las serão grandes vitórias para todos os trabalhadores.

1- AUMENTO SALARIAL:

Faz vários anos que os trabalhadores não ganham AUMENTO de SALÁRIO. O que o governo e os patrões têm feito é reajuste de salário, isto é, tentar recuperar o que a inflação engoliu do nosso salário. Só que neste reajuste a gente sempre sai perdendo. A inflação fica muito maior que o reajuste de salário. Por exemplo, em 1980 a inflação foi de 113% e o reajuste dos salários decretado pelo governo não passou de 90% . ISTO É PERDA DE SALÁRIO E NÃO AUMENTO.

Por isso na campanha salarial devemos exigir AUMENTO de SALÁRIO. Além do índice decretado pelo governo, temos que exigir uma porcentagem maior, a chamada produtividade, que deixe o nosso salário pelo menos uma vez na frente, ou que pelo menos alcance a inflação. O sindicato deve calcular estas porcentagens de aumento que vamos exigir e nos explicar de maneira bem simples. É obrigação deles, pois foram eleitos para nos defender e nos orientar.

ALGUÉM AQUI TEM OPINIÃO DE QUANTO DEVERIA SER O AUMENTO DOS NOSSOS SALÁRIOS ?

2- ESTABILIDADE NO EMPREGO CONTRA ROTATIVIDADE:

O golpe dos patrões é a rotatividade. Por exemplo: João foi mandado embora ganhando 10 mil e no lugar dele colocaram outro ganhando o salário mínimo. Nesta jogada o patrão ganhou mais ou menos 45%.

Se a categoria faz uma boa campanha salarial, consegue uma boa porcentagem do aumento, muitas melhorias, - os patrões começam logo em seguida a demitir e contratar novos empregados ganhando menos. Para acabar com isso, todas as categorias no Brasil estão lutando para conseguir a estabilidade, uma coisa que nós já tínhamos e que os patrões e o governo, através da lei do Fundo de Garantia, nos roubaram. Devemos lutar para que ninguém possa ser demitido sem justa causa, isto é, estabilidade para todos. Além dessa reivindicação devem ser exigidas todas as formas de estabilidade possível: para quem volta do seguro acidente, para quem volta do encosto, para a mulher depois da licença de gravidez, para os rapazes que voltam do batalhão e outros.

O QUE VOCÊS ACHAM DISSO ?



3- PISO SALARIAL:

É algo muito importante e ajuda muito a conseguir uma certa estabilidade no emprego. Funciona assim como o salário mínimo da categoria. Ninguém pode ganhar menos que o piso salarial. Quando os trabalhadores de uma categoria conseguem um bom piso salarial, dois salários por exemplo, eles têm mais garantias, pois se o patrão mandar alguém embora vai ter que pagar pro trabalhador que contratar pelo menos o piso salarial. Isto faz diminuir a rotatividade, os patrões não lucram tanto mandando gente embora e contratando outros.

4- GREVE - O DIREITO DE GREVE:

Fazer greve é parar as máquinas, deixar de produzir. Quando os trabalhadores não entram em acordo com os patrões, quando não conseguem as reivindicações: seja melhores salários, mais condições de segurança, etc. a única e a melhor das armas é a greve. Quando entramos em greve, os lucros dos patrões acabam, porque nem a melhor das máquinas funciona sozinha. Sempre é necessário o trabalho de alguém.

Por ser a melhor arma dos trabalhadores é que a greve é proibida por lei, é ilegal. Os patrões e o governo sabem da força da união dos trabalhadores e por isso fazem leis proibindo as greves, tirando a nossa estabilidade.

Na maioria dos países a greve é um direito e os grevistas são protegidos pela lei.

ALGUÉM AQUI PRESENTE JÁ PARTICIPOU DE ALGUMA GREVE? CONTE PRA GENTE.

NA SITUAÇÃO DO TRABALHADOR HOJE, É BOM FAZER GREVE? POR QUE?

FUNDO DE GREVE:

Como no Brasil a greve é proibida, os sindicatos não podem usar o dinheiro para ajudar os trabalhadores que estão em greve, ou socorrer os companheiros demitidos por causa de uma greve, ou por ter defendido os interesses da classe, senão o governo faz intervenção no sindicato: tira a diretoria eleita e põe outras pessoas nomeadas pelo Ministério do Trabalho. Por causa dessa situação, o fundo de greve foi um meio que os trabalhadores encontraram para ajudar a sustentar o movimento reivindicatório. Foi arrecadado dinheiro, através de shows, bingos, festas, rifas, contribuições mensais dos próprios trabalhadores, mantimentos, que o pessoal no ABC conseguiu manter a greve do ano passado!

por 42 dias e que nós conseguimos atender várias famílias demitidas depois da greve dos químicos de Joinville.

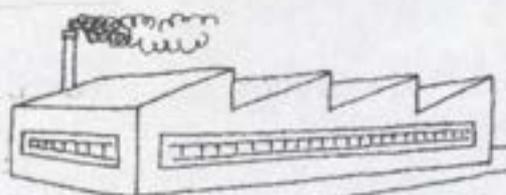
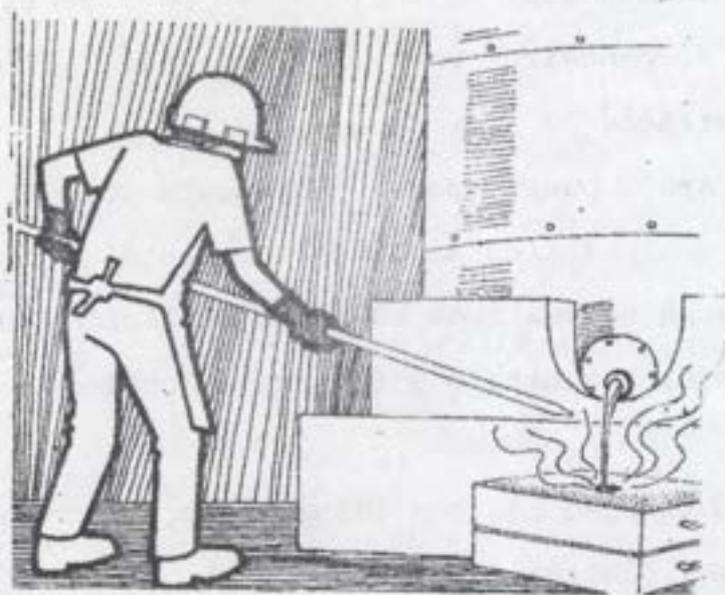
O Fundo de Greve é a espora da gente.

CIPA - COMISSÃO INTERNA DE PREVENÇÃO DE ACIDENTES:

Apesar de não ter nada a ver uma campanha salarial, a CIPA é algo importante para os trabalhadores, mesmo ela sendo do jeito que é, fazendo bem pouca coisa pela nossa segurança. O importante é que o cipeiro tem estabilidade no emprego, não pode ser mandado embora sem justa causa, por isso os companheiros mais combativos devem procurar se eleger, ver quando é época de eleição, se inscrever, pra ter um pouco mais de garantia.

ALGUÉM AQUI É DA CIPA?

COMO É QUE A CIPA TINHA QUE SER PRÁ DEFENDER OS NOSSOS INTERESSES?



FICHA 19 - SAÚDE E PREVIDÊNCIA SOCIAL

Nos últimos 17 anos em que vivemos o regime militar, a situação do trabalhador vem piorando cada vez mais, refletindo diretamente na assistência médico-hospitalar que se encontra em precárias condições.

Podemos sentir claramente o arrombo na previdência devido às dívidas vultosas criadas pelo governo e que agora ele quer pagar com o dinheiro dos trabalhadores, diminuindo o atendimento médico, a distribuição de remédios e aumentando o desconto de 8 para 8,5%. E NÓS TRABALHADORES COMO ESTAMOS SENTINDO O ATENDIMENTO DO INAMPS?

E os patrões aproveitam-se dessa situação para oprimir ainda mais não dando segurança nenhuma aos trabalhadores no sentido de prevenir acidentes, liberar médicos que atendam os trabalhadores e não aos patrões, enfim, exigem que o trabalhador dê o índice de produção mesmo sem as mínimas condições de saúde.

Diante dessas injustiças não podemos ficar calados, devemos nos unir com os companheiros e travar luta pela participação dos trabalhadores na administração da Previdência Social.

- Ampla participação juntamente com profissionais da saúde para criação de uma política de saúde que atenda às necessidades da população com a criação de uma rede básica e pública de assistência à saúde em todos os níveis, gratuita e para toda a população.

- Extinção dos convênios médicos, juntamente com a criação de uma rede base e pública da previdência.

- Congelamento dos preços dos produtos farmacêuticos base.

- Direitos iguais aos trabalhadores com a unificação da assistência médico-hospitalar e odontológica da Previdência Social.



- Segurança coletiva nos ambientes de trabalho e todas as medidas necessárias à saúde dos trabalhadores e da população em geral.

ANIMADOR: Para nossa reflexão

1- Quais entre essas reivindicações são mais importantes para nós? Por que?

2- Como o trabalhador poderá conquistar isso?

A crise que o governo criou no país, com a implantação de uma política voltada aos interesses dos banqueiros e grandes empresas nacionais e estrangeiras está levando a classe trabalhadora a uma situação de insegurança e de extremos sacrifícios que piora muito mais com os frequentes aumentos da dívida externa, pois cada vez que o governo brasileiro empresta dinheiro do Fundo Monetário Internacional, que é um banco americano que empresta dinheiro aos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento cobrando juros em dólares que encarece muito mais e que reflete diretamente no trabalhador que, para pagar esta dívida, terá que diminuir na alimentação, na saúde, nos estudos, enfim, dá a sua vida como garantia para pagamento da dívida que não fez, mas que é obrigado a pagar.

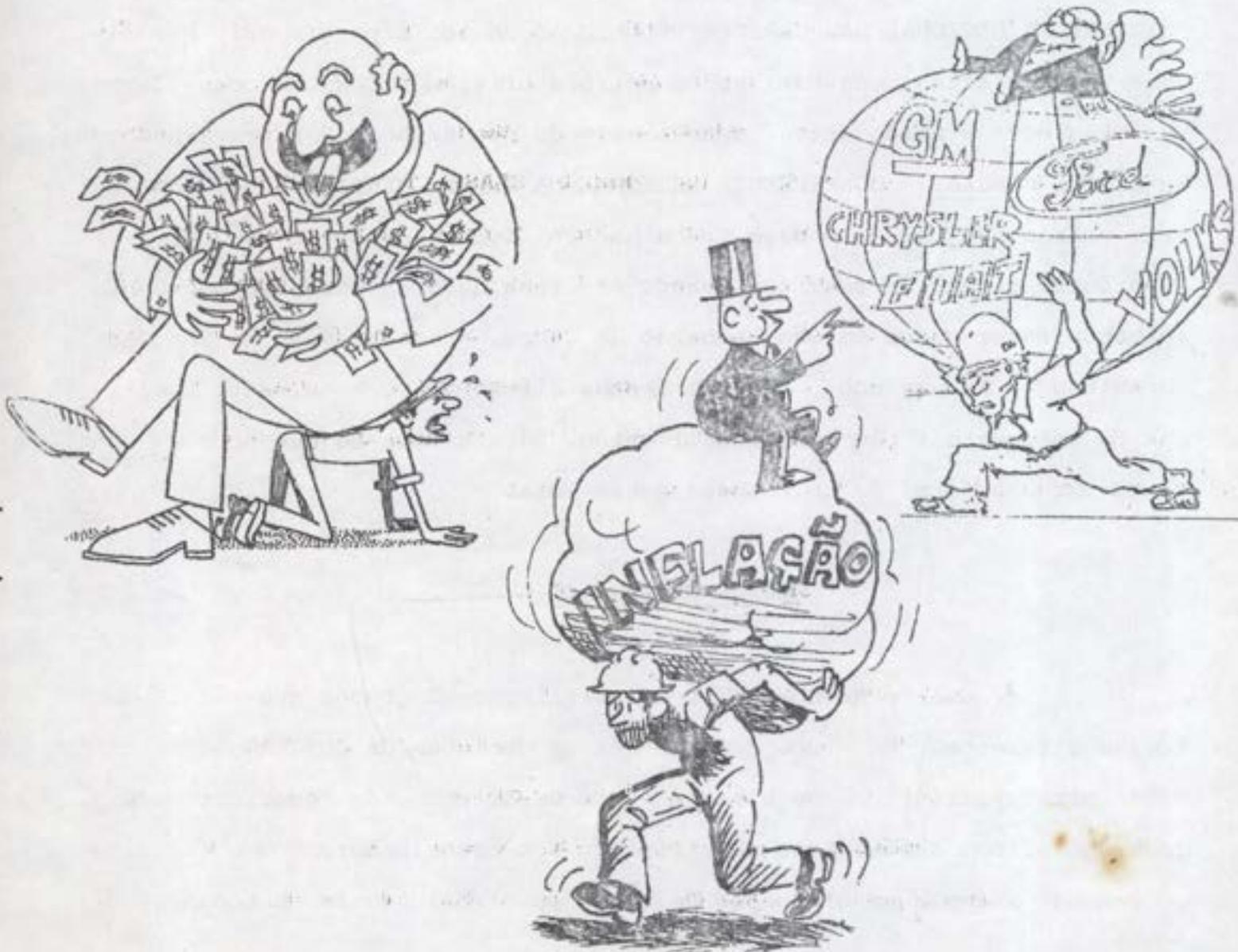
As autoridades responsáveis pela crise econômica e pelas injustiças dessa política econômica, estão querendo continuar a favorecer os ricos banqueiros estrangeiros e nacional, as multinacionais e os grandes empresários nacionais. Ao mesmo tempo, jogam o sacrifício da crise em cima dos trabalhadores: desemprego, queda do valor real do salário, aumento da produção, aumento do custo de vida e ainda querem acabar com os reajustes semestrais, etc.



Por isso, nós trabalhadores, reunidos no sindicato podere mos reivindicar salário justo, piso salarial, não redução do salário, e ainda creches nas fábricas, alimentação e condução a preço mais barato, insalubridade e outros benefícios.

ANIMADOR: Para nossa reflexão

- 1- O que você acha de mais errado na política econômica do Governo?
- 2- Como fazer na prática para conquistar nossos direitos?
- 3- Você acha que é possível conquistar esses nossos direitos com o Governo que temos aí?
- 4- Como nós estamos vendo o problema da dívida externa?



A sigla CONCLAT significa: CONFERÊNCIA NACIONAL DA CLASSE TRABALHADORA. A 1ª. CONCLAT realizou-se no mês de agosto do ano passado na cidade de Santos-SP, onde reuniu aproximadamente 6.000 (seis mil) trabalhadores de todos os estados do país.

Houve várias decisões importantes nesta 1ª. Conferência, e entre elas a criação de uma comissão nacional Pró-CUT - CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES. Ainda, fazer do dia 19 de outubro, o Dia Nacional de Luta Contra o Desemprego, e outras bandeiras que veremos mais adiante.

COMO SURTIU A CONCLAT

Há alguns anos atrás, os patrões organizaram a CONCLAP - CONFERÊNCIA NACIONAL DAS CLASSES PRODUTORAS, e foi a partir daí, que alguns sindicalistas pensaram: se os patrões criaram a CONCLAP como forma de fortalecer a união deles, estava mais do que na hora dos trabalhadores criarem a CONCLAT - CONFERÊNCIA NACIONAL DA CLASSE TRABALHADORA, como forma de unir ainda mais a classe trabalhadora, fortalecendo nossa luta. E na prática ela só se realizou quando os trabalhadores perceberam que não adiantou fazer greve em São Bernardo do Campo, greve na Fiat do Rio, nos Canaviais de Pernambuco, todas em épocas diferentes, totalmente isoladas do movimento a nível nacional; então, já era mais do que hora de construir uma forma de unir todas estas lutas.

GRUPOS NA CONCLAT

Existe na CONCLAT, principalmente 2 grupos que defendem idéias diferentes. Um grupo defende que as decisões da CONCLAT sejam tomadas principalmente pelos dirigentes de sindicatos, de Federações e Confederações, com o mínimo de participação dos trabalhadores. O outro grupo defende a ampla participação de todos os trabalhadores em todas as de

cisões, através de assembléias, reuniões e de encontros estaduais. Diante dos grupos apresentados:

- Com qual grupo a Pastoral Operária deverá estar?
- Por que?

OS PRINCIPAIS ENCAMINHAMENTOS DA CONCLAT

CUT - Central Única dos Trabalhadores - na prática quer dizer, a união de todos os sindicatos de todas as categorias de trabalhadores, incluídos numa só entidade que abrange todo o país. Tanto os trabalhadores do campo, como da cidade.

Deve ser formada e sua diretoria eleita com a mais ampla participação de todos os trabalhadores.

GREVE GERAL: Falta ainda para os trabalhadores brasileiros uma maior unidade nas suas lutas. As greves isoladas pouco adiantarão e só através de uma greve geral a classe trabalhadora começará a ser respeitada pelo governo e pelos patrões. Por isso a la. CONCLAT, propõe a preparação de uma greve geral para o fortalecimento e avanço de nossa organização.



FICHA 22 - CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA DO CRISTÃO

LEITOR 1 : POR QUE A IGREJA ESTÁ SE PREOCUPANDO TANTO COM A POLÍTICA?

R - Antes de tudo, porque, a partir do Concílio Vaticano II, foi-se firmando a idéia de que a Igreja não é uma realidade existente fora da história, mas sim o Povo de Deus solidário com os problemas dos homens do nosso tempo. Além disso, em seu trabalho pastoral, a Igreja faz uma análise da realidade. Ora, olhando mais atentamente nossa realidade, percebe-se que existem situações de injustiças e de má distribuição das riquezas, que não estão de acordo com o Evangelho da fraternidade. Esses problemas não podem ser resolvidos somente por ações isoladas de indivíduos, mesmo de boa vontade. São problemas mais amplos - Estruturais - que requerem a ação conjunta de toda a sociedade; requerem, portanto, uma ação política. Por isso Paulo VI escreveu que "a ação política é uma maneira exigente, se bem que não seja a única, de viver o compromisso cristão ao serviço dos outros".

LEITOR 2 : : TODOS OS CRISTÃOS ESTÃO CONSCIENTES DISSO?

R - Certamente não. Muitos cristãos têm, ainda, uma concepção estreita e pessimista da política, tida como uma atividade desonesta. Por isso dizem: " Não quero saber de política ". Não sabem que, ao falar assim, já estão tomando uma posição política, pois, por sua omissão, podem estar concordando com uma situação existente. Há ainda, os cristãos que separam o campo religioso - que seria meramente um assunto privado - do campo político, que é o da vida pública. Infelizmente essa idéia puramente "espiritualista e privatista" da fé penetrou na cabeça de muita gente. Dentro dessa mentalidade, a Religião e a Salvação não teriam nada a ver com a vida social.

LEITOR 3 : QUE FAZER PARA SUPERAR ESSA VISÃO?

R - É necessário , antes de mais nada, conscientizar-se de que o homem é um ser social: ele não vive só, mas con-vive. Já o grande filósofo Aristóteles dizia que o homem é um " animal político", porque vive na "polis" que, em grego, significa cidade. A nossa vida cristã, portanto, não pode se reduzir apenas ao relacionamento inter-pessoal - "eu e tu" - pois nosso próximo é também a massa humana. Então, é preciso olhar nosso semelhante não somente como um indivíduo isolado, mas como alguém que depende muito do ambiente e do contexto em que vive.

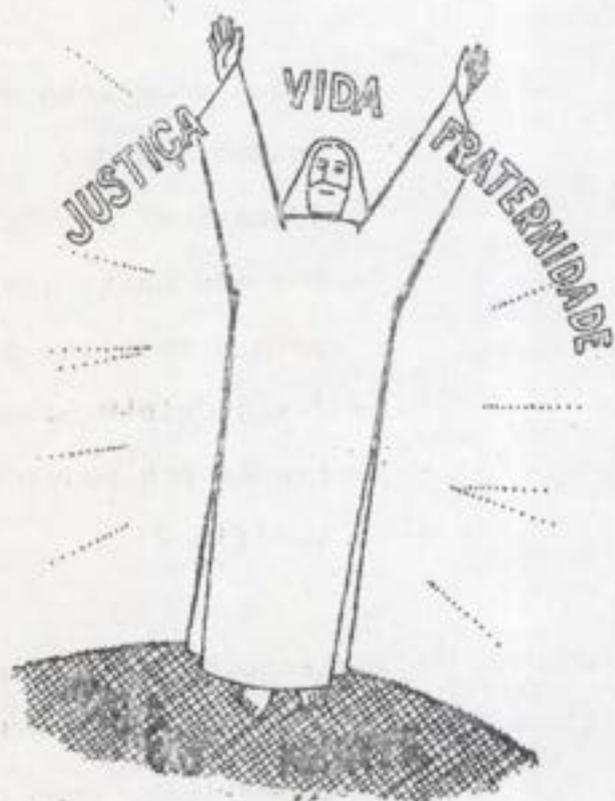
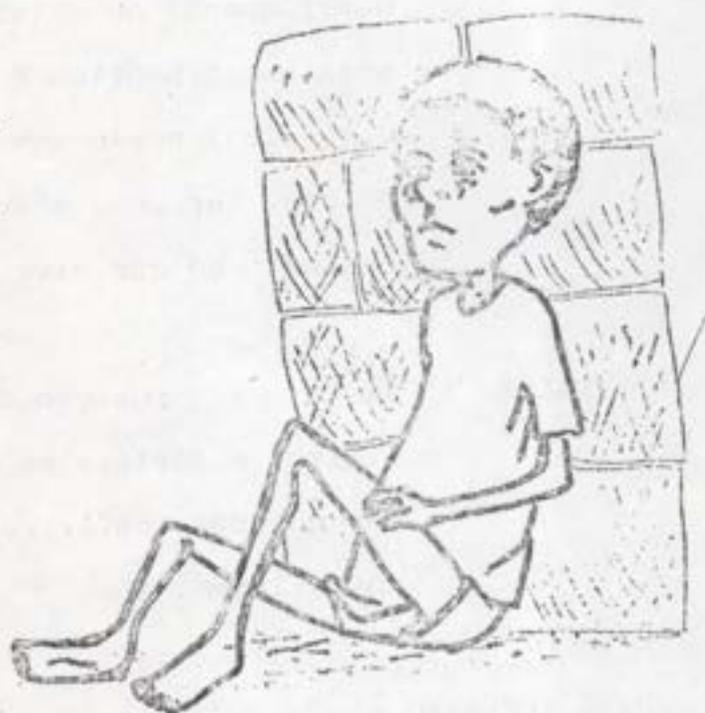
ANIMADOR : Visto a posição da Igreja perante os acontecimentos políticos e sociais em nosso país. Nós também, como cristãos, devemos nos sentir responsáveis por esses fatos que tanto nos atingem.

PARA REFLEXÃO :

- 1- O que você acha se cada um de nós tomasse parte nessa responsabilidade?
- 2- É possível ser Cristão sem lutar para melhorar o mundo?
- 3- Por que muita gente não gosta que a Igreja conscientize o povo a respeito de política?
- 4- Jesus Cristo na sua maneira de denunciar as injustiças através dos poderosos daquele tempo; para eles não era uma política?

ANIMADOR : Portanto ou a gente entra no grupo dos que lutam pelos oprimidos ou não diga que é Cristão. Se não Jesus vai nos chamar de hipócritas, como chamou os escribas e fariseus que não estão nem a favor nem contra, estão do lado dos opressores. Não adianta você dizer que não se mete em política. Porque você

já está fazendo política e do lado dos opressores, porque cruzar os braços e deixar os opressores continuarem a sua opressão é fazer política.



FICHA 23 - CRITÉRIOS PARA O POVO JULGAR E ESCOLHER

LEITOR 1 : Que o partido seja POPULAR mesmo, isto é:

Quem participa mais no partido deve ser o trabalhador
Quem está nos postos de liderança deve ser, em maioria, tra-
balhador.

Que o partido venha se organizando da base, de baixo para
cima, e não de cima para baixo.

LEITOR 2 : Que o partido combata a ditadura e todo poder opressor, de-
fenda os DIREITOS DO OPRIMIDOS.

Olhar mais para a prática, para ação do que para as pala-
vras: ver quem está do lado do povo na hora da luta.

LEITOR 3 : Que o partido vise a MUDANÇA SOCIAL e não a reforma que só
ajuda a continuar do mesmo jeito.

Neste sentido, Voto Livre, Universal e Direto, Assembléia '
Cônstituente , Reforma Agrária, Direito de Greve, são ape-
nas os primeiros passos.

LEITOR 2 : Mudança Social significa não apenas mudança de REGIME (de
militar para civil, de autoritário para democrático) mas de
SISTEMA (de capitalista para socialista).

LEITOR 1 : Que o partido abra espaços para o surgimento de Lideranças '
das Bases Populares, para a defesa dos interesses populares
(associações de bairros, grupos de bairros, sindicatos, co-
munidades, etc.

LEITOR 3 : Que lute pela INDEPENDÊNCIA ECONÔMICA do Brasil, contra a
invasão do grande capital das multinacionais.

ANIMADOR : Ficar omissso não dá pé!

É preciso ficar atento, acompanhar os acontecimentos, analisar criticamente...

A participação partidária não é simplesmente livre, mas boa e necessária para o cristão, pois a causa que ele defende é a libertação do povo.

O papa PIO XI dizia: " A política é a forma superior de se viver a caridade".

Para reflexão

- 1- E a Igreja como fica nisso tudo?
- 2- Como ajudar o povo para se organizar politicamente?



FICHA 24 - CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA DO CRISTÃO

QUEM FAZ POLÍTICA? QUEM DEVE FAZER POLÍTICA?

LEITOR 1 : Eu não vou mexer com política . É coisa suja. Deixa para os políticos fazer. Não é coisa para nós trabalhadores desentendidos de tudo e sem leitura...

ANIAMDOR : Até agora no Brasil quem fez política foram os chamados políticos. Todo trabalhador sabe que é só em tempo de "política", quer dizer , em tempo de campanha eleitoral, que o governo e os políticos lembram dele.

LEITOR 2 : Levam o filho dele para o hospital, prometem emprego para a filha, botinas para o pai, aposentadoria para a velha mãe, e assim por diante. Passam as eleições e o trabalhador descobre que só ele manteve sua palavra, pois deu seu voto para "doutor fulano". Mas justamente o doutor fulano agora deputado (que um dia tomou até uma pinguinha na sua choça) perde a memória e a vista. Não o reconhece mais, esquece sua promessa. O trabalhador nem procurou entender as idéias políticas do doutor fulano, estava só procurando uma melhora e o doutor prometeu ajudá-lo.

ANIAMADOR :

POVO QUE IGNORA NÃO EXIGE
 POVO QUE IGNORA NÃO LUTA
 POVO QUE ACOMPANHA A POLÍTICA DOS GRANDES
 AJUDA OS GRANDES A PISÁ-LO MELHOR

LEITOR 1 : Fazer política não é votar num partido ou num deputado. Fazer política é principalmente lutar para fortalecer: a própria classe, o próprio sindicato, a própria associação, o próprio bairro.

LEITOR 2: Lutar juntos, para exigir luz no bairro é fazer política.

LEITOR 1: Fazer política é lutar juntos para ter um grupo escolar lá na roça.

ANIMADOR: Ao contrário:

Povo acordado povo que sabe

Povo que questiona povo que cobra as promessas do doutor fulano

Povo que se une pra lutar não vai ser enganado

O "doutor fulano" da nossa sociedade tem medo deste último tipo de povo, pois o sucesso deles nasce da fraqueza dos outros.

LEITOR 2: A pobreza maior, é quando se deixa pisar sem reagir.

LEITOR 3: Eu não concordo em mexer em política.

LEITOR 4: Nem eu: Cristo não fez política.

ANIMADOR: De fato o evangelho não diz que Cristo votou. Mas conta como Cristo brigava com os fariseus, que era a classe dominante daquela época.

Conta como ele estava do lado dos pequenos.

Ele lutou para o povo pobre se unir e construir o Reino. E mostrou claramente que pra ele os construtores deste Reino são os pequenos.

LEITOR 1: Cristo não foi um politiquês, mas fez política em favor do povo pobre e morreu para defender este povo.

PARA REFLEXÃO:

1 - Quem faz política hoje? Que política fazem os politiquês?

2 - Quem deve fazer política?

FICHA 25 - CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA DO CRISTÃO

ANIMADOR : Vamos neste bate papo conversar sobre a importância do voto nas eleições.

O povo brasileiro desde 1964 perdeu o direito de escolher seus representantes através do voto. Em 1982 há esperança que o povo possa mostrar sua posição frente aos problemas em que vive, pelo voto.

POR QUE PARTICIPAR DE ELEIÇÕES?



LEITOR 1 : Os patrões só permitem a participação dos trabalhadores na política em época de eleição, pra votar e escolher seus próximos opressores. Nesta época, os políticos oferecem fundos e fundos, dizem que tudo vai mudar. Porque nisto, muitos trabalhadores vêem a única forma de transformar a socie

dade. Mais é preciso que os trabalhadores se conscientizem' de que não basta só votar , principalmente quando ele escolhe um partido que tem o sistema de colocar candidatos de cima para baixo. Isto quer dizer coloca os candidatos, e os eleitores votam e depois não têm mais contacto com estes candidatos. Somente com audiência marcada. Isto não traz para a classe trabalhadora nenhuma vantagem nem condição de organização, porque estes candidatos não têm interesse neste assunto. Depois das eleições é trabalhador pra cá e candidato pra lá.

PARA REFLEXÃO:

- 1- Você acha que política favorece o trabalhador?
- 2- Sempre foi assim, e como vive a maioria dos que votam nesse tipo de candidato?
- 3- Que tal uma política com todos os trabalhadores participando da direção de nosso país?



FICHA 26 - CONSCIENTIZAÇÃO POLÍTICA DO CRISTÃO

POR QUE A IGREJA SE METE EM POLÍTICA?

ANIMADOR : Todos se recordam da greve dos metalúrgicos do ABC de São Paulo. Maio de 1980. A Grande Greve! O grande clamor do povo oprimido! Apoio de quase toda a sociedade paulista a este movimento tão justo. Apoio também da Igreja! Para desviar a atenção do povo, os patrões inventaram que era a Igreja quem estava provocando a greve. Muitos acreditaram nessa conversa pra boi dormir. Porque os grandes jornais e a televisão são dos patrões. Será que os metalúrgicos de São Paulo não têm capacidade de tomar decisões? É preciso a Igreja ficar empurrando? O que a Igreja faz é apoiar os movimentos legítimos do povo. - A Igreja como mãe e advogada daqueles que não têm defesa, apoiou o movimento grevista. Os bispos do Brasil deram seu apoio; emitiram uma nota. As outras Igrejas também se juntaram com a Igreja Católica para apoiar nossos irmãos que têm coragem de lutar por seus direitos. A sociedade civil deu seu apoio. Os partidos políticos de oposição se colocaram ao lado dos trabalhadores. O Estado, representante dos interesses dos patrões, viu-se no direito de dizer aos bispos do Brasil qual deve ser o papel da Igreja diante da greve. Disse que os bispos do Brasil não representam a Igreja. Mas os bispos devem obediência à Lei de Deus e não às leis injustas. Devem obediência a Deus e não às autoridades injustas.

LEITOR 1 : Aqui vão algumas palavras do Papa João Paulo II:

" Da vossa parte, responsáveis pelos povos, classes poderô

sas que escondem o pão que falta a tantas famílias, a consciência humana, a consciência dos povos, o clamor do dévalido e, sobretudo, a voz de Deus, a voz da Igreja vos repete comigo: não é justo, não é humano, não é cristão com certas situações claramente injustas. Devem-se pôr em prática medidas concretas, eficazes, em nível local, nacional e internacional, na vasta linha traçada pela Encíclica Mater et Magistra...

"Irmãos e filhos muito amados, trabalhai por vossa elevação humana" (Citado no Documento de Puebla, nº1245).

LEITOR 2 : O Documento de Puebla afirma:

" Vemos, à luz da fé, como um escândalo e uma contradição com o ser cristão, a brecha crescente entre ricos e pobres. O luxo de alguns poucos converte-se em insulto contra a miséria das grandes massas. Isto é contrário ao Plano do Criador e à honra que lhe é devida. Nesta angústia e dor, a Igreja discerne uma situação de pecado social, cuja gravidade é tanto maior quanto se dá em países que se dizem católicos e que têm a capacidade de mudar " (Puebla nº 28).

LEITOR 3 : Diz ainda o Documento:

" O melhor serviço do irmão é a evangelização que o dispõe a realizar-se como filho de Deus, o liberta das injustiças e o promove integralmente. É de suma importância que este serviço do irmão siga a linha que o Concílio Vaticano II nos traça: Cumprir antes de mais nada as exigências da justiça, para não ficar dando como ajuda de caridade aquilo que já se deve em razão da justiça; suprimir as causas e não só os efeitos dos males e organizar os auxílios de forma tal que os que recebem se libertem progressivamente da

dependência externa e se bastem a si mesmos " (1145,1146).

ANIMADOR : Jesus ensinou que a coisa mais importante desse mundo é amar as pessoas. Ele mesmo deu o exemplo, amou até o fim. Defendeu tanto, que os donos do poder o mataram. Ele deu a vida por nosso amor. Mas Jesus não morreu para sempre. Ele ressuscitou. E enviou o seu Espírito para animar os seus a migos. Nasceu a primeira comunidade em Jerusalém. Essa comunidade foi espalhando o amor de Jesus pelo mundo afora. Outras comunidades foram nascendo. É assim que nasce a Igreja . Ela nasce para continuar a obra de Jesus. Por isso , foram perseguidos e assassinados. E o Espírito de Jesus continua hoje. Mas, o que é amar? Há muitas maneiras de amar. Entretanto, o amor verdadeiro é aquele que nos leva a entregar a nossa vida. E quando a gente começa a ver que o número dos sofredores aumenta, e que aumentam os seus sofrimentos, a gente se pergunta: como acabar com esse sofrimento? Como fazer felizes todas as pessoas? Então a gente se lança na aventura do amor, no trabalho penoso em favor dos nossos irmãos. Acontece que existe uma verdadeira máquina de fabricar miséria: é a nossa própria sociedade. Então a gente começa a estudar o porquê da miséria.

LEITOR 4 : Enquanto a gente não descobrir de onde vem a miséria, a gente não pode acabar com ela. O papel da Igreja é esse: ajudar o povo a descobrir a raiz do mal para acabar com ele; e assim ajudar as pessoas a serem felizes. E isso é fazer conscientização política. É bem diferente de politicagem . A política é um instrumento que a gente usa para mudar ou para conservar a sociedade. Todo mundo faz política; mesmo os que não tem consciência disso. Uns fazem política sabendo que estão fazendo outros fazem política sem saber. A po

lítica é uma espada de dois gumes, pode ser usada pelos representantes do demônio para continuar a opressão ou pode ser usada pelo povo para melhorar as coisas.

LEITOR 1 : Os representantes do demônio complicaram muito a situação. Por isso , todos os que se colocaram no time de Deus têm que estudar a fundo essa questão. Tem gente por aí que entende pouco de política e nem faz esforço para entender melhor. Aí fica fazendo coisas que não dão em nada. Pensa que está fazendo o bem, mas está ajudando os opressores a dominar melhor. Faz gol contra. Não adianta fazer coisas que melhoram a vida do povo por alguns dias mas depois não dão em nada. Não adianta tapar a ferida se ela está cheia de pus. É preciso limpá-la. Não adianta capinar onde tem tiriúca. É preciso arrancar sua raiz e todas as batatinhas. Do contrário, ela nasce de novo. " Não se põe remendo novo em roupa velha " disse Jesus.

PARA REFLEXÃO:

- 1- Por que em São Paulo e em outros lugares, a Igreja ajudou os operários que estavam em greve? O que vocês acham disso?
- 2- Por que o governo não quer que os bispos do Brasil dêem apoio aos operários em greve?
- 3- O que é que o Papa João Paulo II fala das injustiças dos países da América Latina?
- 4- É possível pregar o evangelho sem conscientizar o povo a respeito de seus direitos? O que o documento de Puebla fala disso?